

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO – FAED  
CURSO DE HISTÓRIA**

**CHRYSYTIAN WILSON PEREIRA**

**“POR QUE ME TORNEI COMUNISTA?”:  
TRAÇOS (AUTO)BIOGRÁFICOS, MEMÓRIAS E LEITURAS DE UM INTELLECTUAL  
DO SÉCULO XX. VICTOR MÁRCIO KONDER (1920-2005).**

**FLORIANÓPOLIS – SC**

**2012**

**CHRYSYTIAN WILSON PEREIRA**

**“POR QUE ME TORNEI COMUNISTA?”:**

TRAÇOS (AUTO)BIOGRÁFICOS DE UM INTELLECTUAL DO SÉCULO XX. VICTOR  
MÁRCIO KONDER (1920-2005).

Trabalho de Conclusão de curso apresentado ao curso de História do Centro de Ciências Humanas da Educação, na Universidade do Estado de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Teresa Santos Cunha

**FLORIANÓPOLIS**

**2012**

**CHRYSSTIAN WILSON PEREIRA****“POR QUE ME TORNEI COMUNISTA?”:**

TRAÇOS (AUTO)BIOGRÁFICOS DE UM INTELLECTUAL DO SÉCULO XX – VICTOR  
MÁRCIO KONDER (1920-2005).

Trabalho de Conclusão de curso apresentado ao curso de História do Centro de Ciências Humanas da Educação, na Universidade do Estado de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel.

**Banca Examinadora**

Orientadora: \_\_\_\_\_

Prof. Dra. Maria Teresa Santos Cunha  
UDESC

Membro: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. Emerson César de Campos  
UDESC

Membro: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. Alexandre Sardá Vieira  
IFSC

**Florianópolis – SC, 04/12/2012**

“Não sou nada.  
Nunca serei nada.  
Não posso querer ser nada.  
À parte isso, tenho em mim  
Todos os sonhos do mundo.”

(Álvaro de Campos)

## AGRADECIMENTOS

Agradecer é uma complicada tarefa. Inumeráveis pessoas contribuíram, certamente, para a concretização deste trabalho. Não somente para a investigação e a escrita aqui empreendidas: cooperaram para todas as minhas realizações, acadêmicas ou não. O esforço para nomeá-las, contudo, perpassa uma preocupação em deixar de lado aqueles e aquelas que, de maneiras muitas vezes fundamentais e tão distintas, fizeram com que eu me tornasse quem sou. Consciente de não estar imune ao esquecimento, agradeço a quem se dispõe a ler este trabalho e, ainda, a todos que perpassaram os caminhos que me trouxeram a este momento, em suas alegrias e tortuosidades.

À minha família, pelo apoio quase incondicional, pelo conforto, pelos incentivos. Vocês são a minha base! Ao casal que mais admiro, meu avô Paim e minha já falecida avó Carlota: certamente me ensinaram o valor da união familiar, da consideração ao próximo, da importância de assumir o que sou e o que faço. Aos meus tios Carlos, Michela, Miriane, Miriângela: sempre me mostraram os caminhos do conhecimento. Muito obrigado pelo carinho! À minha avó Zulma e também à minha tia Betânia, com quem tenho pouco contato, por morarem distante, mas por tanto me considerarem mesmo em condições adversas. Ao meu pai agradeço os investimentos em minha educação e, principalmente, por se opor firmemente às minhas decisões, em especial a de trilhar os caminhos da História: aprendi, com isso, a seguir o que acredito. Ainda assim, obrigado por tudo!

À minha mãe, um agradecimento especial: pela força e determinação, por me ensinar a não ter vergonha do que sinto e penso, por estar presente em todos os momentos, pelo apoio às minhas decisões! Pelas broncas e advertências tão necessárias, pelo carinho, pela preocupação. Mãe, meus agradecimentos nunca serão suficientes! Obrigado por tudo!

Meus agradecimentos àqueles que conheço de longa data e com os quais pude criar íntimos vínculos de amizade. Raphael, Naira, Ana, Teresinha, Juventino, Deborah, Valdir: vocês são os amigos mais leais que eu poderia ter! Obrigado pelas conversas, as ocasiões divertidas, as confissões, as lágrimas, os momentos embaraçosos que hoje nos fazem rir.

Aos amigos dos quais estive distante nestes últimos quatro anos. Tenho certeza de que entendem! A vocês, também, o meu obrigado (vocês sabem quem são).

Dedico este trabalho especialmente aos professores e professoras do curso de História da UDESC. Muitos, com maestria, lecionaram suas aulas, orientaram seus alunos, conduziram suas práticas de ensino, estudo e pesquisa. Alguns seguiram outros rumos, não se encontrando mais na instituição, mas merecem, igualmente, estes agradecimentos. Escolhi o ofício de professor pela importância que muitos tiveram, desde minha idade mais tenra. Aprendi que há sempre algo que escapa à sala de aula, mesmo se integrando a ela: um desejo pela mudança. Almejo que aquele professor que acredita nas pessoas com as quais dialoga é consciente de sua fundamental intervenção no mundo, ainda que aparentemente singela. Agradeço aos mestres pelas conversas profícuas em corredores e laboratórios; às sugestões muitas vezes encaminhadas por email.

Faço menção especialmente a Claudia Mortari e Fábio Feltrin, por acreditarem em mim desde o início, por apreciarem tanto meus textos e minhas falas, pelos encorajamentos e sugestões. Obrigado!

À toda a equipe do Laboratório de Patrimônio Cultural (LabPac), onde este trabalho foi pensado e, em parte, executado. Estas colegas compartilharam muitos momentos que contribuíram para a escrita deste trabalho. Igualmente obrigado à equipe do Laboratório de Imagem e Som (LIS). Meu especial agradecimento ao professor Rafael Hagemeyer, pela confiança e pela oportunidade no projeto em que estive envolvido durante boa parte da graduação.

Ao CNPq, pela bolsa de Iniciação Científica concedida nestes últimos dois anos, e que permitiu a realização desta pesquisa. E à UDESC, por abrigar a realização do trabalho. Agradeço também aos professores Emerson César de Campos e Alexandre Sardá Vieira por terem aceitado, gentilmente, o convite para compor a banca de defesa deste trabalho.

Aos colegas que conheci pela FAED e que, no decorrer destes quatro anos, estiveram presentes, participando da minha trajetória na graduação. À turma de História 2009.1, hoje dispersa, alguns seguindo outros caminhos, mas pela qual guardo carinho e boas lembranças. Especialmente aos amigos Fernanda, Jéssica, Simone, Fernando, Igor. Pelas conversas em

momentos muito importantes da minha vida nos últimos dois anos (você sabem quais!), pelos trabalhos, as conversas, as aulas, as experiências compartilhadas. Meu obrigado!

Não poderia deixar de agradecer àquela pessoa que mais depositou confiança em mim: professora Maria Teresa Santos Cunha. Sou grato pelo convite, feito na terceira semana de aula do primeiro semestre de Prática em Patrimônio Cultural, em 2010, para integrar a pesquisa! Pela orientação competente e dedicada em meio a tantas atividades, pelo cuidado nas sugestões e correções. Pelos emails trocados e as inúmeras conversas, por me permitir seguir caminhos autônomos na pesquisa, pelos conselhos. E pela irreverência, os sorrisos e as fofocas que tanto animaram vários momentos nesta trajetória: fazem toda a diferença. Professora, meus sinceros agradecimentos!

Agradeço, finalmente, ao André. Pelos abraços, as trocas de experiência, a companhia indispensável. Por me ouvir falar incansavelmente sobre este trabalho, às vezes no meio das madrugadas. Por me fazer parar e descansar quando era necessário. Por saber, talvez mais do que ninguém, sobre meus anseios e inseguranças. Por entender algumas ausências. E, mais do que tudo, por fazer os meus dias mais felizes.

## RESUMO

Anotações às margens de páginas envelhecidas, um pequeno livro de memórias e uma série de artigos insinuam a presença de um intelectual, conhecido pelo papel desempenhado como jornalista e pela militância comunista na juventude, dedicando-se ao estudo de pensamentos políticos e ideológicos, já ao final de sua vida. Victor Márcio Konder (1920-2005), também sociólogo de formação e professor universitário, deixou uma gama de documentos escritos legados por meio da constituição de um acervo bibliográfico e da publicação de textos na imprensa. Este trabalho analisa e problematiza, como traços autobiográficos de um ex-comunista, as marcas de leitura inseridas em algumas de suas obras e o seu livro de memórias, além de pequenos textos produzidos para eventos, revistas e jornais. A documentação utilizada compreende as décadas de 1980, 1990 e parte dos anos 2000. Estariam abertos, com isso, caminhos para rastrear, confrontar e comparar estas “produções de si”, lançadas juntamente à hipótese de que Konder teria esboçado, nestes suportes, um perfil ideológico, pretensamente coerente, associado a referências políticas, reviravoltas históricas da segunda metade do século XX e seu posicionamento em relação a estas. De que maneira estes livros podem insinuar a presença de um homem entremeadado por contradições de sua trajetória intelectual, entre o peso da formação comunista que o acompanhou desde criança, e os caminhos distintos seguidos a partir da maturidade? É possível, com isso, abordar as “atribuições de sentido” que perfazem a reelaboração de lembranças, vivências e expectativas empreendida por Victor Márcio Konder, bem como complexas relações cultivadas com o socialismo/comunismo nestas últimas décadas de sua vida.

**Palavras-chave:** Socialismo/Comunismo. Autobiografia. Acervos pessoais. Intelectual. Leitura.

## ABSTRACT

Notes on the borders of aging pages, a small book of memories and a series of articles imply the presence of an intellectual, known for his role as a journalist and militant communist in his youth, devoting himself to the study of political and ideological thoughts already by the end of his life. Victor Márcio Konder (1920-2005), also a sociologist and a university professor, left a range of a written legacy through the establishment of his bibliographic collection of books and publishing a series of articles in the press. This paper analyzes and discusses, as autobiographical traits of a former communist, the reading marks inserted in some of his works and his memoir, as well as articles produced for small events, magazines and newspapers. The documentation used comprises the 1980s, 1990s and part of 2000s. With this, ways to track, collate and compare these "productions of the self" would be open, together with the hypothesis that Konder has made drafts, in these brackets, of an ideological profile, allegedly coherent and associated with political references, historical upheavals of the second half twentieth century and his position towards these. How may these books imply the presence of a man of contradictions, punctuated by his intellectual trajectory between the weight of the communist which he accompanied since childhood, and the different paths followed since he reached maturity? It is possible, therefore, to address the "meaning assignments" that make up the reworking of memories, experiences and expectations undertaken by Victor Márcio Konder and the complex relationships cultivated with socialism/communism in the last decades of his life.

**Keywords:** Socialism/Communism. Autobiography. Personal Collections. Intellectual. Reading.

## SUMÁRIO

|   |           |
|---|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO.....</b>  | <b>11</b> |
| <b>1. O REINVENTAR DE UMA JUVENTUDE COMUNISTA: ENTUSIASMO E DISSIDÊNCIA EM UM RELATO AUTOBIOGRÁFICO .....</b> | <b>22</b> |
| 1.1 “UM MUNDO IGUALITÁRIO”: A FILIAÇÃO AO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL (PCB). .....                            | 25        |
| 1.2 UMA AUTOAVALIAÇÃO: ARREPENDIMENTO E JUSTIFICATIVA NO TRABALHO MILITANTE. ....                             | 29        |
| 1.3 “POR QUE ME TORNEI COMUNISTA?”: APONTAMENTOS DE UMA INFÂNCIA. ....  | 33        |
| 1.4 A NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA: SÍNTESES, SELEÇÕES E OMISSÕES. ....   | 37        |
| <b>2. “TEATROS DE MEMÓRIAS” EM PERCURSOS DE LEITURA: CONSTRUÇÕES DE SI EM UM ACERVO PESSOAL.....</b>          | <b>39</b> |
| 2.1 O INDIVÍDUO NA MIRA DO HISTORIADOR: PRÁTICAS DE LEITURA, PERCURSOS DE VIDA E MARCAS AUTOBIOGRÁFICAS.....  | 43        |
| 2.2 “A TRAGÉDIA SOVIÉTICA”: A CRÍTICA AO “UTOPISMO”.....  | 45        |
| 2.3 O “REVERSO DA UTOPIA” E A CENSURA DE KONDER AO “SANTUÁRIO IDEOLÓGICO”.....                                | 48        |
| 2.4 O MANIFESTO COMUNISTA E SUAS “PREVISÕES FURADAS”.....   | 51        |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>  | <b>60</b> |
| <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>   | <b>68</b> |

## INTRODUÇÃO

Sob o signo da contradição, do ser e do nada, o tempo parece inapreensível. Ele é descrito de modo contraditório: a pior e a melhor das coisas, fonte da criação, da verdade e da vida e portador da destruição, do esquecimento e da morte. Ele engendra e inova e faz perecer e arruína. Ele é pai e destruidor de todas as coisas, origem e fim, a sua passagem é aflitiva ("isto não vai acabar nunca?") e consoladora ("vai passar!"). Ele não é apreensível, pois invisível, intocável, impalpável, mas pode ser percebido. (REIS, 2011, p. 2)

O historiador permanece em um duelo: lidar com a dimensão fugaz do tempo. A força destrutiva deste talvez consista em seu maior oponente. O tempo escapa pelas mãos de quem, ironicamente, tem a pretensão de amenizar a efemeridade, ao evocar o vivido e o experimentado, na batalha contra as ausências de um passado. Através da fugacidade e da permanência do tempo, a vida se passa e se reinventa, a lembrança é constituída, o esquecimento tece suas lacunas, o mundo é lido e experimentado em suas angústias e esperanças, em seus horrores e contentamentos. O tempo possibilita, contudo, a existência do conhecimento histórico. Elemento invisível, irrefreável em seu domínio, faz o passado esvaecer, sem, contudo, deixar de legar indícios e pistas, tocando seus futuros, desdobrando-se em processos, sucessões, transformações.

A história trata, então, de vestígios das passagens de seres humanos pelos espaços e pelas sociedades; das marcas que homens e mulheres constituíram, de si mesmos e das estradas que percorreram, deixadas muitas vezes de forma não intencional, e que conseguiram sobreviver. Os olhos de quem pretende interpretar estas cicatrizes do passado não se fecham frente o desafio de arquitetar uma trama sobre o que “realmente aconteceu”, marcada pela incompletude. O historiador teria a difícil tarefa de atribuir significados coerentes às diferentes formas de ser e estar no mundo e, logo, às temporalidades, às práticas coletivas, aos cotidianos, às percepções singulares, às configurações do social, aos pensamentos e utopias, às relações no/com o espaço. Categorias que esboçam narrativas, codificam comportamentos, estabelecem rupturas e continuidades.

Fazer história constituiria uma atividade hermenêutica, possibilidade interpretativa, pois, de traços pretéritos inseridos em diferentes suportes, cruzados e contrapostos, comparados e interrogados, reiterados por uma intenção de verossimilhança. Sob a ordem da interpretação e da compreensão, os historiadores parecem, contudo, sobre exigências, também constantes, “mutuamente excludentes: fazer afirmações verdadeiras e, apesar disso, admitir e considerar a relatividade delas” (KOSELLECK, 2006, p. 11).

Não apenas os historiadores lidam, contudo, com o próprio passado, constituindo percepções sobre atos e fatos. Os próprios sujeitos batalham com o tempo, frente à destruição, a iminência da morte, o esquecimento. Mantêm, a partir da memória, o passado vivo simbolicamente, tornando-o “parte essencial da orientação cultural da vida presente” (RÜSEN, 2009, p. 164). Por que guardaríamos vestígios de nossas vidas: cartas, bilhetes, recibos, livros velhos, objetos perecíveis, fotografias, vestimentas, papéis amarelados, objetos muitas vezes banais, triviais ou mesmo descartáveis? Entre as possibilidades e limites do “eu”, nos perderíamos em meio às multifacetadas, por vezes aleatórias e inusitadas tramas da existência. O indivíduo, “previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável”, hoje entendido de modo “fragmentado, composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas” (HALL, 2005, p. 12), constituiria, não poucas vezes, imagens, narrativas e memórias, de si e dos outros.

De que modos este indivíduo ateria sentidos para seus caminhos percorridos, suas vozes e máscaras, para seus ritmos interiores, suas experiências e sensibilidades, para a fluidez e a plasticidade que o constituem? (AGAMBEN, 2005, p. 114). Poderia, por meio dos atos de guardar-se, escrever-se, divulgar-se a outrem, desafiar a autoridade arruinadora do tempo? Em resposta afirmativa, a história poderia tratar, como documentos, materiais que comportam rastros e escritas dos indivíduos sobre eles mesmos, tocantes a diferentes modalidades de “produções de si”? Seria plausível discutir as “atribuições de sentido” que perfazem os investimentos dos sujeitos na reelaboração constante de suas memórias, suas experiências, seus cursos, sobre o que concebem e idealizam, inventam e recontam acerca das próprias vidas?

As próximas páginas tratarão de muitos destes questionamentos, ainda que seja possível apenas esboçar algumas respostas para estas problemáticas. Victor Márcio Konder (1920-2005), intelectual de esquerda, sociólogo de formação, professor universitário e jornalista, conhecido pela militância comunista na juventude e o trabalho desempenhado na imprensa nacional, teria deixado, já no final de sua vida, uma série de leituras de si, empreendidas, por um lado, através da constituição de um acervo bibliográfico e pela relação com seus livros; e, por outro, por meio da construção de uma rede de sociabilidades e cenários induzidos pelo seu livro de memórias, no qual descreve sua história militante. Traços constitutivos da própria trajetória de Konder também podem ser encontrados em uma série de textos publicados em jornais, ou preparados para debates e eventos acadêmicos.

A possibilidade deste trabalho deu-se graças à intervenção do presente autor, na qualidade de bolsista de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq), na pesquisa “Perfil de uma

biblioteca, traços de um leitor: estudos sobre o acervo de um professor – Victor Márcio Konder (1920-2005)”, coordenada pela pesquisadora e professora Dra. Maria Teresa Santos Cunha, iniciada em agosto de 2011 e prorrogada até julho de 2013. A pesquisa, financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e desenvolvida no Centro de Ciências Humanas e da Educação (FAED) da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), tem como objetivo inventariar, higienizar, catalogar e analisar o acervo pessoal do intelectual, com vistas a preservar e disponibilizar a futuros pesquisadores suas memórias.

Composto por um fundo de cerca de mil peças, entre livros, revistas, catálogos e cadernos, o arquivo, evidentemente, apresenta potencial para realização de múltiplas possibilidades de investigação. Os textos produzidos por Konder – alguns inclusive publicados postumamente<sup>1</sup> –, entre os quais o livro no qual tece considerações sobre a militância comunista, também foram utilizados na pesquisa. Este trabalho monográfico tem como objetivo problematizar, como traços autobiográficos de um intelectual ex-comunista, as marcas de leitura inseridas em alguns de suas obras (aqui três a serem analisadas, de maneira específica, citadas posteriormente), e os impressos produzidos pelo tal, entre os quais o livro de memórias “Militância”.

Alguns questionamentos orientam esta investigação: como Konder, um sociólogo e jornalista engajado, associado a correntes políticas de seu tempo e portador de um perfil intelectual, relacionou-se com o comunismo, já na etapa final de sua vida? Que “versão de si mesmo” teria produzido, nestas condições? Como mobiliza, de diferentes maneiras, o passado e suas experiências militantes? A documentação utilizada tem seu recorte temporal compreendido entre os anos de 1980, 1990 e 2000. Estariam abertos, com isso, caminhos para rastrear, confrontar, comparar indícios autobiográficos de um intelectual (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2005) do século XX, lançados juntamente à hipótese de que Victor Márcio Konder, um ex-comunista, teria esboçado, nestes suportes, um perfil, de caráter político e ideológico, ainda que de forma não estruturada ou formal. Indícios de sua relação e de suas leituras sobre o comunismo, interpretadas a partir de seu legado, compõem, portanto, a base para este trabalho.

Victor Márcio é de uma conhecida família teuto-brasileira, trazida ao Brasil na segunda metade do século XIX por Marcos Konder Sênior, nascido numa família de agricultores alemães. Nicolau Malburg, um grande comerciante de Itajaí, cidade catarinense,

---

<sup>11</sup> Ver: KONDER, Rosa Weingold; RIBEIRO, Túlia de Freitas (orgs.). Victor Márcio Konder: um homem de múltiplas facetas. Florianópolis: Brasília: IEA; ITN, 2006.

teria conhecido o avô de Victor em uma viagem para o país. Marcos, que se destacava como professor desde cedo, chamou a atenção do comerciante, que teria lhe trazido ao Brasil para que fosse professor de seus filhos. Aos 19 anos, Marcos Konder chega em território nacional, ganhando logo a confiança de seu patrão e sendo nomeado seu procurador. Mais tarde, conhece a filha de um dos dirigentes do Partido Conservador na cidade, com quem casa, em 1875, tendo nove filhos: Evelina, Arno, Marcos, Adolpho, Victor, Adelaide, Elisabeth, Marieta e Maria. O terceiro filho, também chamado Marcos e nascido em 1882, não é senão o pai de Victor Márcio, mais jovem entre outros dez irmãos.

Marcos Konder Júnior lega os negócios do pai: um escritório de comissões e despachos e, ainda, os chamados “armazéns Konder” (ROTHBARTH, 2001). Conhece, então, a mãe de Victor, a letrada Maria Corina Régis, que havia estudado na Escola Normal em Florianópolis. Em vida, Marcos Konder administra a Casa Comercial Konder. Além disso, foi um proeminente político em Santa Catarina, nomeado vereador no período da Primeira República. Eleito posteriormente deputado federal, tendo o mesmo sido eleito inclusive presidente da Câmara de Deputados no estado, não chegou a tomar posse, devido aos acontecimentos de 1930 e à vitória da Revolução. Líder do Partido Republicano Catarinense, torna-se, no entanto, deputado estadual pela oposição até a instauração do Estado Novo, em 1937. Já em 1930, contudo, o filho Victor e sua mulher se mudam para o Rio de Janeiro, devido ao turbulento ambiente político. É na capital federal que Konder iniciará sua trajetória militante no comunismo.

Na verdade, todas estas questões em meados de 1956 já tinham perdido para mim qualquer interesse maior. É que muitos repeliam esse ou aquele ponto, sempre fazendo ressalvas em relação ao santuário ideológico do comunismo. Tinham se insurgido contra o chamado stalinismo, contra o mandonismo e o arbítrio dos dirigentes, mas com a ressalva de que o socialismo podia ser reconstituído em novas bases, que os princípios do marxismo não estavam em causa, continuavam valendo com a mesma força de antes, ou até mesmo se enriquecendo com novas análises e experiências, que reforçavam a fé em seus princípios fundamentais. Quanto a mim, cortei de vez as minhas relações com o comunismo. [...] O importante é que cheguei àquela fase em que o que predomina é a tolerância, o que nos permite, inclusive, encarar com serenidade aquelas ideias que, num primeiro momento, nos parecem detestáveis. (KONDER, 2002, p. 134)

As palavras com as quais Victor Márcio Konder encerrou seu relato autobiográfico insinuam um “teatro de memórias”<sup>2</sup> realizado nos seus últimos anos de vida. A narrativa

---

<sup>2</sup> Expressão utilizada no Brasil por Ulpiano Bezerra de Menezes, autor de vários estudos na área de Patrimônio Cultural. Também citada por Angela de Castro Gomes na introdução do livro “Escritas de si, escritas da história” (2004), organizado pela mesma.

evidencia que, em meados da década de 1950, o jovem militante, seduzido pela possibilidade de um mundo igualitário e pela edificação de uma sociedade sem classes, teria desaparecido. No lugar dele, ao que tudo indica, um intelectual maduro, desiludido com as promessas – não cumpridas – da utopia comunista, prestes a seguir novos caminhos pela defesa da “liberdade”. Victor Márcio Konder recusava-se a continuar seguindo aqueles princípios que, segundo o próprio, possuía seguidores que se fundamentavam em uma suposta infalibilidade das teorias e das prescrições marxistas, negando com isso, em seu ponto de vista, a liberdade de expressão. Cortava suas relações com o comunismo aos 36 anos.

Konder teve uma íntima relação com o materialismo histórico e os pensamentos de matriz marxista. Quando criança, fora apresentado à literatura socialista pelo irmão e pela mãe. Sua juventude esteve marcada pela ação revolucionária no Rio de Janeiro. Quando mais velho, coordenou órgãos de imprensa relacionados aos comunistas brasileiros; realizou missões em diversos estados do país; perpetuou propagandas militantes nas ruas; manteve contato direto com o povo e renomados intelectuais marxistas, dirigiu cargos administrativos no antigo Partido Comunista do Brasil. Depois de muitos pedidos de colegas de profissão, decidiu tecer suas considerações acerca da trajetória no Partido<sup>3</sup>, ao qual pertenceu durante aproximadamente 20 anos, de 1936 a 1957. Victor Márcio Konder faleceria três anos depois de produzir este pequeno livro de memórias<sup>4</sup>.

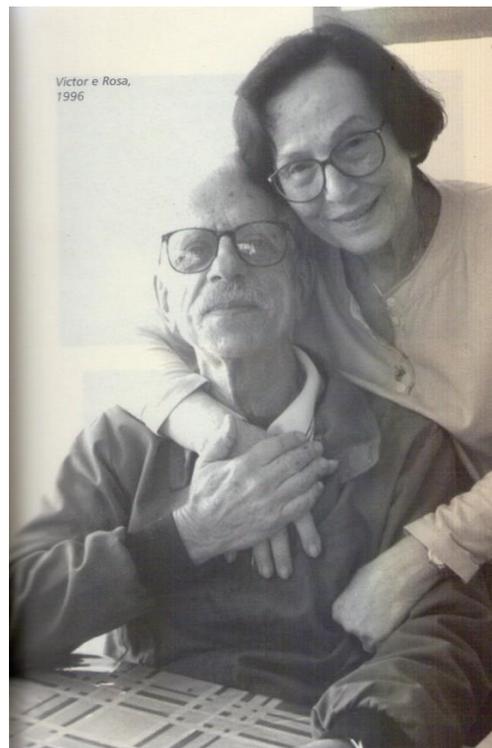
Escrever sobre a trajetória a partir de uma autobiografia seria, contudo, apenas uma das várias maneiras de vencer a irreversibilidade do tempo e tecer/reconstruir os fios do “eu”, pois “arrumamos, desarrumamos, reclassificamos. Por meio dessas práticas minúsculas, construímos uma imagem, para nós mesmos e às vezes para os outros” (ARTIÈRES, 1998, p. 10). A autobiografia seria considerada a prática mais acabada deste “arquivamento da vida”, pois o sujeito que tece o relato constitui uma seleção de acontecimentos, uma ordenação formal, um conjunto de escolhas e classificações, determinantes na construção de um sentido que deseja imprimir à sua vida. O autobiógrafo não se mostra de qualquer maneira: seleciona o que e como deseja mostrar, inventa, apaga, adultera, coloca maior ou menor peso para eventos, personalidades, cenários de sua trajetória.

---

<sup>3</sup> Cabe esclarecer que “o PCB foi fundada em 25 de março de 1922 e seguiu a tradição marxista-leninista. Seu nome original era Partido Comunista do Brasil. Divergências internas, acentuadas a partir do XX Congresso do PCUS (Partido Comunista da União Soviética), provocaram uma crise no PCB. No V Congresso do Partido Comunista do Brasil, em 1960, várias mudanças ocorreram, dentre elas, a alteração de seu nome para Partido Comunista Brasileiro. A intensificação das divergências levou à cisão entre seus membros, resultando, em 1962, na criação do PCdoB, que retomou o antigo nome Partido Comunista do Brasil e passou a seguir uma orientação maoísta.” Abordaremos, portanto, um período anterior à cisão e à crise do PCB, quando ainda se chamava Partido Comunista do Brasil (DALMÁS, 2011, p. 142).

<sup>4</sup> Ver: KONDER, Victor Márcio. *Militância*. São Paulo: Arx, 2002.

Se a autobiografia é expressão – e elaboração – da subjetividade de quem se desafia a escrever sobre si, ela não é a única maneira de guardar e reinventar as marcas e lembranças de uma vida. Um acervo pessoal tal qual o de Victor Márcio Konder teria, também, uma intenção autobiográfica, pois comportaria a existência de alguns vestígios de sua vida que puderam ser guardados, cuidados e selecionados para a posteridade. Uma prática menos acabada e intencional do que o relato formulado por um “pacto” autobiográfico, mas, ainda assim, guardadora de inscrições de um “eu”. Os livros inseridos neste acervo pessoal, pertencentes a um intelectual já falecido, permite um trabalho com os títulos presentes no acervo, os traços de uma trajetória inseridos em marcas de leitura, tais como assinaturas, dedicatórias, palavras sublinhadas, anotações às margens. Memórias, escritas, representações do mundo e da relação consigo mesmo e com o mundo, pertencentes a um leitor – sociólogo, jornalista e professor – imbricadas a sensibilidades próprias ao ato de conservação.



**Figura 1** – Fotografia de Victor Márcio Konder e a esposa, Rosa Konder.

Fonte: KONDER, Rosa Weingold; RIBEIRO, Túlia de Freitas (orgs.). Victor Márcio Konder: um homem de múltiplas facetas. Florianópolis: Brasília: IEA; ITN, 2006.

A partir de que pressupostos estaríamos analisando estes escritos e impressos, indicativos de traços autobiográficos, e propostos aqui como um *corpus* documental? Ao mencionar estudiosos das ciências humanas da segunda metade do século XX, Durval Muniz

de Albuquerque Júnior chegou a afirmar que a reinserção dos indivíduos com personagens da história, “como forma de contrapor àquela historiografia centrada nas categorias coletivas, em conceitos macroestruturais e abstratos, também contribuiu para a colocação da dimensão inventiva das práticas humanas como uma preocupação dos historiadores”. Sobretudo a chamada terceira geração dos *Annales*, filósofos ditos estruturalistas (Michel Foucault) e uma historiografia de “base hermenêutica” (Paul Ricoeur, Michel de Certeau), “ao darem primazia à análise das atividades descritas como culturais ou mais ligadas ao campo das práticas simbólicas, das mentalidades, do imaginário ou dos discursos, também irão contribuir para que a dimensão inventiva humana e da própria historiografia fosse ressaltada.” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p. 21) As reviravoltas sofridas pela ciência histórica desde a segunda metade do século XX fizeram os estudiosos não apenas desnaturalizarem os objetos e sujeitos com os quais tratam, mas o próprio lugar do qual falam, as práticas que os instituem como historiadores e as maneiras pelas quais constroem sentidos aos seus trabalhos.

Outrora considerado porta de acesso para uma reconstrução fidedigna do passado, pretensamente capaz de instaurar, por meio da observação do historiador, uma leitura do passado tal qual ele aconteceu, o documento histórico hoje permite novos olhares, submetendo-se mesmo a múltiplas interpretações, aos desvios e às margens, ressaltando a possibilidade de uma subjetividade epistemológica. O historiador não aceita ou recebe seus dados, mas ele próprio os compõe, a partir de suas interrogações, suas dúvidas, sua empatia com a investigação.

O campo de suas intenções, como outrora, não é descartado: o estudioso não se faz uma figura pretensamente invisível, mas consciente de sua interferência. No entanto, ao constituir seus documentos como peças de trabalho, realiza uma operação técnica, que não é apenas o efeito de um "olhar", pois modifica o estatuto original dos objetos com os quais trabalha, propondo um determinado método. Outrora submetido a realizar um tratamento quantitativo de seu *corpus* documental, sob a ordem de seriações, quantificações e generalizações, o historiador partia de vestígios em número limitado e deles apagava toda a diversidade, unificando-os em uma compreensão coerente e totalizante. Os elementos desconhecidos e heterogêneos minavam as próprias bases do saber histórico, de maneira que ele se tornava caduco assim que terminado (CERTEAU, 1982, p. 85).

No entanto, a quantidade de informações e dados tratáveis tornou-se indefinida com o emprego do computador e da informática, especialmente nas últimas décadas. É informação relevante o fato de que o absurdo volume de documentos referentes à História Contemporânea – decorrentes, em grande parte, do desenvolvimento das tecnologias de informação e da mídia

–, juntamente com o próprio alargamento do espectro de fontes consideradas utilizáveis para a ciência histórica, fez os historiadores reavaliarem e transformarem suas próprias técnicas e práticas de construção do saber.

A pesquisa histórica, a partir disso, modificou-se profundamente, voltando-se para os desvios. Hoje ela não parte mais de raridades, de vestígios do passado, com pretensão de compor uma síntese explicativa do passado, não busca “raízes” ou “formações” essenciais, mas propõe um lugar aos “restos” (indícios de limites e de um passado que é produto de uma operação, e não está “dado” ou “oculto”). Justamente a pequenez indiciadora da particularidade e a miudeza capaz de aguçar o faro para a multiplicidade de possibilidades de análise chamam, hoje, a atenção de quem se propõe a realizar uma pesquisa documental histórica.

O historiador se aloca nos lugares de trânsito; nas fronteiras. Ao mesmo tempo em que reconhece suas limitações – e seu fracasso – em realizar uma história “total”, proporciona uma abertura ao ecletismo teórico, à peculiaridade, à distinção, ao indivíduo. “Abre-se espaço para a percepção de dimensões do homem que escapam à lógica formal mas que são também fundamentais – a emoção e a sensibilidade: alegrias, medos, angústias, incertezas, temores, euforias que, ao transcenderem o individual, constituem-se em forças mobilizadoras do social” (CUNHA, 1999, p. 40). É possível, com isso, realizar a leitura de Victor Márcio Konder, um sujeito que empreendeu constantes tentativas de harmonizar-se, de recriar e inventar faces e identidades de/para si. Com isso, realizaremos o papel de destrinchar e observar pormenores, marcas aparentemente banais de um passado, que possibilitam constituir uma rede de significados acerca de uma das possíveis facetas de um intelectual do século XX.

O historiador não visa mais erigir uma história global ou total; ele trabalha nas margens. Sabe bem que mesmo a história mais pretensiosamente abrangente e “universal” se realiza a partir de uma determinada proposta analítica, uma possibilidade entre tantas outras. Seus objetos de estudo se diversificaram à medida que uma história totalizante, pretensamente universal e capaz de exprimir o espírito da humanidade, perdeu suas forças. A biografia, desta maneira, “assumiu o papel de uma distância e de uma margem proporcionadas às construções globais” (CERTEAU, 1982, p. 85).

François Dosse afirma que “o biógrafo já não tem a ilusão de fazer falar a realidade e de saturar com ela o sentido. Ele sabe que o enigma biográfico sobrevive à escrita biográfica. A porta permanece escancarada para sempre, oferecida a todos em revisitações sempre possíveis das efrações individuais e de seus traços no tempo” (2009, p. 410). Escrever sobre

uma vida – tal qual a de Victor Márcio Konder – tem, na perspectiva deste trabalho, a tarefa de iluminar os “traços de si” de um intelectual. Aparecem, neste trabalho, fontes de caráter autobiográfico e memorialístico, que reforçam uma “ilusão biográfica” (BOURDIEU, 1996, p. 184), ou seja, realizam um tratamento coerente, linear, por vezes harmonioso de uma vida, quando ela própria é marcada por seu caráter descontínuo, aleatório, por vezes caótico.

Isto não inviabiliza, contudo, que tratemos as constituições de sentido, muito próprias, que tomaram conta de Konder em um passado não tão distante, cujos vestígios legados possibilitam arriscar reflexões acerca do caráter autobiográfico destas “práticas de si”. Estas, contudo, não podem ser vistas como o reflexo de um arquivo de lembranças ou a autorreconstituição de uma vida: são reelaborações, invenções conscientes – algumas mais acabadas que outras, tais como o livro de memórias; outras mais banais e cotidianas, tais como as marcas de leitura às margens de suas obras, mas que merecem análogo investimento.

Levillain reconhece que a biografia, do ponto de vista histórico, é um meio de mostrar as ligações entre memória e projeto, entre indivíduo e sociedade, e de experimentar o tempo como prova da vida. “Seu método, como seu sucesso, devem-se à insinuação da singularidade nas ciências humanas, que durante muito tempo não souberam o que fazer dela.” (2003, p. 176). A biografia faz perguntas específicas sobre o sujeito estudado ao mesmo tempo em que institui e constitui o personagem na/pela narrativa, frente às lacunas documentais e o inevitável recurso da imaginação, a fim de suprir parcialmente estes espaços vazios que insistem em desafiar o historiador-biógrafo. O desafio de “escrever uma vida” se dá em uma perspectiva intersticial, em “elos de diálogo fecundo entre posições dadas a priori como antinômicas (DOSSE, 2009, p. 378). Um hibridismo de abordagens, permitindo deslocamentos, modificações, confrontos, sem que esgote as incontáveis possibilidades de estudar – e reinventar – uma vida: é possível, para o biógrafo, colocar-se entre o conceito e a vivência, o eu e o outro, o indivíduo e a sociedade, entre a unidade e a pluralidade, a inconstância e a harmonia.

Serão apresentados dois capítulos que abordam as problemáticas anunciadas nestas considerações iniciais, sob uma perspectiva biográfica. Os dois apresentam a mesma temática, aqui já brevemente apresentada, a ser aprofundada nas próximas páginas. O primeiro capítulo tem o título de “O reinventar de uma juventude comunista: entusiasmo e dissidência em um relato autobiográfico”. Neste, é proposta uma análise do pequeno livro de memórias produzido por Victor Márcio Konder, poucos anos antes de sua morte. Esta autobiografia, tomada como documento sob o olhar historiográfico, concede um olhar para “condições e processos que, muito concretamente, determinam as operações de construção de sentido”

(CHARTIER, 1990, p. 26), de maneira que, na tensão com o comunismo e a partir do seu olhar particular e maduro, Victor Konder tentou atribuir, já próximo de sua morte, um sentido a experiências vividas em uma época de sua vida, (re)inventando, com acalorado entusiasmo, a sua própria juventude militante e os motivos, atribuídos pelo próprio, para a dissidência ideológica e partidária com o comunismo.

O segundo capítulo é intitulado “Teatros de memórias: construções de si e marcas de leitura em um acervo pessoal”. Aqui trataremos mais especificamente da biblioteca de Victor Márcio Konder, de maneira ser possível rastrear de que maneiras sua presença simbólica como leitor evoca “passados pessoais e coletivos, mãos que folhearam páginas, olhos que leram linhas, gestos que marcaram espaços por meio da escrita” (CUNHA, 2012, p. 35). Para isso, foi realizada a seleção de três livros, dentro de seu acervo, que, analisados, contribuem para estabelecer algumas considerações acerca dos diálogos que o ex-comunista teceu com estes. Esta restrita seleção, realizada após uma inserção do arquivo, foi realizada no intuito de verticalizar as abordagens em relação às leituras realizadas pelo intelectual, de maneira a realizarmos, além de análises das próprias marcas de leitura deixadas por Konder, considerações sobre as próprias obras e seus contextos de produção.

A primeira destas obras, “Le Tragédie Soviétique”, tradução em francês para a obra do historiador norte-americano Martin Malia, interpreta a Revolução Bolchevique e seus resultados, logo após a dissolução da União Soviética no início da década de 1990. O segundo se trata de uma coletânea, do mesmo período, também dedicada a discutir a crise do “socialismo real”, intitulada “Depois da queda: o fracasso do comunismo e o futuro do socialismo”, organizada pelo historiador britânico Robin Blackburn. Além de artigos do próprio, a obra traz artigos de conhecidos estudiosos de diversas áreas e países – tais como Eric Hobsbawm, Noberto Bobbio e Jürgen Habermas. Por último, o “Manifesto do Partido Comunista”, de Karl Marx e Friedrich Engels, obra que curiosamente se encontra depositada no acervo de Victor Márcio Konder.

Estas páginas, pertencentes outrora ao sociólogo, assinalam um particular desígnio de “arquivar a própria vida” (ARTIÈRES, 1998) através da instalação e da manutenção de uma biblioteca pessoal. Muitas delas apresentam anotações às margens, palavras sublinhadas, assinaturas. Para além das intenções de seu antigo possuidor, contudo, encontram-se potenciais marcas autobiográficas de um ex-militante comunista, engajado pelas causas políticas de seu país. Os outros textos de Konder, produzidos para jornais e eventos dos quais participou, por se apresentarem bastante dispersos, não serão abordados especificamente em

nenhum capítulo. Estes, contudo, serão problematizados nas discussões, por apresentarem profícuas reflexões do intelectual.

## **1. O REINVENTAR DE UMA JUVENTUDE COMUNISTA: ENTUSIASMO E DISSIDÊNCIA EM UM RELATO AUTOBIOGRÁFICO**

Fazer história é praticar uma certa intimidade com estas figuras de sujeito que nos chegam do passado, atravessadas por silêncios, rasuradas por múltiplas versões, safadas pelo uso e pelo abuso. É encarar com paixão, indignação e humor estes rostos descritos em poucas linhas de páginas amareladas. É trocar com eles um gesto de revolta, de simpatia, de pena, de amor, de horror. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2001, p. 12)

Despidas pelo testemunho de um sujeito já nos seus últimos anos de vida, recordações de conquistas, frustrações, desafios e possibilidades de uma trajetória particular são manejadas em um “teatro de memórias”, frente a um duelo contra o domínio destrutivo do tempo. Eis que a narrativa autobiográfica conduz Victor Márcio Konder, conhecido pela militância comunista na juventude e o trabalho desempenhado na imprensa brasileira, a uma reelaboração de personagens, redes de sociabilidade e cenários que mereceram ser rememorados/narrados. Simultaneamente, um “eu” fragmentado entre a unidade e a pluralidade, entre o conceito e a vivência, depara-se diante do desafio de singularizar-se perante inevitáveis contradições de seus caminhos. Reconduzidos ao presente pela memória, estes caminhos permitem a instituição de um ajuste de contas com os seus próprios passados.

No espetáculo da rememoração de si, a lembrança é atualizada pela imaginação que recobre ausências inevitáveis do esquecimento; pelas intenções de ser lido na posteridade que simulam e recriam imagens inteligíveis a futuros espectadores/leitores; pela nostalgia imanente que impossibilita a neutralidade, na impossibilidade de resgatar o já acontecido. É delineado, com isso, um panorama de impressões e gestos acerca de sua militância comunista na juventude, pois “vinda não se sabe de onde, a lembrança não permite ser deslocada; pelo contrário, obriga a uma perseguição, pois nunca está completa” (SARLO, 2007, p. 9).

O palco de evocação das memórias na qual se realiza a aventura de uma produção de si incitaria, com isso, a reafirmação da unidade do indivíduo. Narrar uma história de vida, reconstituí-la sob um novo olhar, a partir de novos gestos, constituiria, para Victor Márcio Konder, um painel das tendências e do estilo “das pessoas que pretendiam participar da militância revolucionária no Brasil” (KONDER, 2002, p. 15) entre as décadas de 1930 e 1950.

Nestes cenários, é possível vislumbrar anseios compartilhados por homens e mulheres em meados do século XX, canalizados por projetos revolucionários e por lutas que se integravam à idealização de possíveis futuros. É plausível, também, analisar esta série de

propostas políticas, enviesadas por combates acerca de estratégias de transformação da realidade brasileira, a partir dos esforços em superar os estereótipos que conotam à modernidade uma condição singular – suposto lugar de monopólio das revoluções liberais –, assinalando, com isso, o valor dos projetos que pretendiam construir “modernidades alternativas” ao panorama político e social vigente no Brasil Republicano, “em seus tortuosos itinerários, contradições e impasses”<sup>5</sup> (REIS FILHO, 2008).

A juventude de Victor Márcio Konder, neste sentido, foi marcada e entrecruzada por uma série de projetos de “modernidades alternativas”, os quais pretendiam construir novos futuros, distintos de realidades (inter)nacionais. Destaca-se, no Brasil, o integralismo, doutrina conservadora de inspiração ultranacionalista e católica, de notável influência, com a qual Konder teve uma série de conflitos ideológicos, quando adolescente, com colegas simpatizantes a estes preceitos. Os paradigmas revolucionários brasileiros ancorados pelo Partido Comunista do Brasil, sem recorrer a atribuí-los um significado homogêneo, também podem ser analisados como um projeto de modernidade alternativa que, entre contradições e remodelações de seus próprios preceitos, arrebataram milhares de pessoas. Embora estes programas tenham sido derrotados durante a história republicana, ancoraram amplas expectativas e fomentaram diferentes experiências, por um lado compartilhadas por diferentes grupos, e, por outro, individualizadas por sujeitos tais como o jovem Victor Márcio Konder.

Mais de quatro décadas após o rompimento com a militância comunista, Konder reavalia seus campos de atuação em um passado rememorado pela narrativa autobiográfica. Nascido em 1920, este tece um relato de sua experiência militante já no novo século (2002), após insistentes pedidos de colegas, familiares e pessoas que sempre cobravam um registro de episódios vividos no período no qual esteve ligado ao antigo Partido Comunista do Brasil (1936-1957), conforme o mesmo atestou na introdução do livro.

Na impossibilidade de narrar os fatos tal como eles aconteceram, a escrita teria permitido a Konder instituir uma espécie de ajuste de contas com os acidentes do passado,

---

<sup>5</sup> O conceito de “modernidades alternativas” é utilizado no Brasil por Daniel Aarão Reis Filho (UFF). Estudioso das revoluções socialistas do século XX, com ênfase no caso soviético, Reis Filho afirma, em entrevista para a Revista Tempo e Argumento (PPGH/UDESC), que o conceito é um desdobramento da sua pesquisa sobre intelectuais russos do século XIX. Ao estudá-los, este teria os considerado como “formuladores paradigmáticos de alternativas às modernidades liberais”. Segundo o autor, “as grandes revoluções atlânticas, a Revolução Americana, a Revolução Francesa e antes da Revolução Americana, a Revolução Inglesa, essas três grandes revoluções, construíram três paradigmas de propostas liberais. [...] O que particulariza a via liberal da modernidade nas suas três facetas é que elas se acham as únicas capazes de encarnar a modernidade. Elas têm uma visão, uma perspectiva de universalizar sua experiência. E acham isso convictamente: para ser moderno, tem que incorporar seus grandes valores” (2011). Utilizamos a concepção de “modernidades alternativas” frente aos esforços de superar os estereótipos que conotam à modernidade uma condição supostamente singular, unilateral, associada a uma via única de desenvolvimento liberal, ocidental e capitalista.

com as dores e os prazeres suscitados pelo ato de recordar, com os caminhos percorridos em sua juventude, nos últimos momentos de sua vida. A rememoração de si comportaria a criação/invenção de imagens fundamentadas nestes fragmentos do “eu”. Os fios da memória<sup>6</sup> seriam costurados pelo próprio ato de narrar, na intenção de tecer imagens coerentes, justificáveis, plausíveis de si. No tocante da rememoração, perguntas lançadas: “por que me tornei comunista?”; “por que rompi com o comunismo?”.

O que justificaria os conflitos entre um Konder na juventude e um Konder na velhice, e de que maneira este seria justificado pelo ato autobiográfico? As marcas do passado na militância comunista, atualizadas em um presente no qual diferentes temporalidades se tocaram, adquiram sentido por meio de uma “escrita de si”. Walter Benjamin chegou a observar que tomar a vida em uma obra autobiográfica significa reinventá-la a partir de pequenos fragmentos, ao momento da narração, pois, “ao acordarmos, em geral fracos e apenas semiconscientes, seguramos em nossas mãos apenas algumas franjas da tapeçaria da existência vivida, tal como o esquecimento a teceu” (1994, p. 37).

Não sendo possível conservar todos os rastros e vestígios dos atos, anseios e sentimentos, conquistas e frustrações que perpassam as direções de uma vida, “teatros de memórias” são estabelecidos pela necessidade que os sujeitos têm em buscarem uma constância para suas vidas fragmentadas e um significado para seus caminhos, muitas vezes descontínuos, descompassados, contraditórios. A própria cultura do individualismo, característica marcante das experiências modernas, expressa uma abertura para a valorização dos esforços particulares, das aventuras de si, da intimidade e da sinceridade. E devido à descontinuidade e à desarmonia do “eu” do indivíduo moderno, “as práticas culturais de produção de si se tornam possíveis e desejadas, pois são elas que atendem à demanda de certa estabilidade e permanência através do tempo” (GOMES, 2004, p. 13).

É o que faz Victor Márcio Konder, um ex-comunista na juventude, justificar os “erros” que, segundo o próprio, teria cometido no passado, décadas depois de sua experiência militante. Mesmo a omissão e o silêncio perante posições, ao que indica no relato, contrárias ao que pensava e acreditava na época, são lembradas em um tom de lamentação e arrependimento. Como explicar, por exemplo, que o próprio jornalista tenha participado de

---

<sup>6</sup> Estamos considerando memória como “propriedade evocativa que permite a recriação mental de um objeto, uma pessoa ou acontecimento ausente” (PESAVENTO, 2006, p. 51). Se a história presentifica uma ausência no tempo, a memória evoca imagens do vivido. Para Sandra Pesavento, todos nós teríamos um museu imaginário de imagens, “transmissoras de uma herança do passado, veiculadas pela memória individual, forjada de acordo com a memória social” (idem, p. 52). O historiador alemão Jörn Rüsen considera que a memória torna o passado significativo, “mantém-no vivo e o torna uma parte essencial da orientação cultural da vida presente” (2009, p. 164). Para o estudioso, ela estaria relacionada ao domínio da imaginação, cravada no presente e a partir dele estabelecendo relações com o passado.

diversas manifestações que incitavam a revolução armada e um violento levante do proletariado contra seus “exploradores”, se o próprio se considera, ao momento da narração, favorável às liberdades democráticas?

Como dar sentido às ações clandestinas cometidas dentro da organização do Partido Comunista, as prisões, os anos dedicados ao comunismo, se este mesmo é considerado pelo próprio no final da vida como um emblema de opressão, capaz de fomentar um cego idealismo? Konder teria lembrado, em um artigo escrito para um seminário sobre correntes políticas em 1990 que, dos direitos e liberdades do cidadão, o mais importante seria o de manifestar livremente a opinião, a prerrogativa de questionar e duvidar. Sem a liberdade de expressão do pensamento, todos os demais direitos e liberdades seriam, pois, ameaçados e constantemente violados. Esta parece ser uma de suas principais críticas ao comunismo e aos comunistas nas últimas décadas de sua vida, já que Konder os reconheceu como uma porta aberta ao fundamentalismo e ao autoritarismo.

### 1.1 “UM MUNDO IGUALITÁRIO”: A FILIAÇÃO AO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL (PCB).

Victor Márcio Konder participou da militância comunista no Rio de Janeiro até os seus 36 anos, quando, durante a crise mundial das organizações de inspiração marxista no final dos anos 1950 e ao processo de “desestalinização” na União Soviética, cortou suas relações com o antigo Partido Comunista do Brasil. Neste período, em meio à perseguição aos “vermelhos”, ao viajar para Recife, teria recebido graves notícias: “todos os camaradas que tinham alguma responsabilidade no funcionamento do Partido tinham sido presos. Quem não foi preso fugiu. O glorioso Partido Comunista de Pernambuco transformara-se numa terra arrasada.” (KONDER, 2002, p. 120).

Em meio a esta paisagem, de crise do Movimento Internacional e desagregação dos comunistas brasileiros, teria avaliado o posicionamento de militantes ligados ao Partido como sectário, excessivamente idealista e autoritário, em especial depois de ter averiguado a miséria da população de Recife, ao viajar para lá em uma missão secreta. Confiando cegamente no acerto das observações e decisões do modelo referencial soviético, comunistas brasileiros estariam fadados a repetir e agravar os mesmos erros cometidos pelo aparato ideológico e administrativo liderado pelo Comitê do PCUS (Partido Comunista da União Soviética), tomado como modelo para uma possível tomada revolucionária no Brasil.

Em 1956, um relatório secreto apresentado no XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética (PCUS) pelo seu então presidente Nikita Khrushchov denunciou uma série de crimes atribuídos ao governo de Stalin, referentes aos altos níveis de violência que o regime havia utilizado para promover o socialismo “em um único país”. Coincidiu com a gestão de Stalin a vitória do país na "Grande Guerra Patriótica" contra a Alemanha Nazista (1941-1945) e um indiscutível desenvolvimento econômico que consolidara Moscou na posição de centro de uma emergente potência mundial, algumas décadas após a insurreição bolchevique. Os índices de crescimento atingiram impressionantes safras, impulsionados pelos pesados investimentos na industrialização e a eficácia do aparelho de controle e planejamento estatal que estrangulava as possíveis resistências ao modelo "stalinista" de modernização. À esteira das contradições de seus grandes feitos, no entanto, a União Soviética sob o comando de Stalin havia se caracterizado como uma repressiva e sanguinária ditadura. As denúncias de Nikita Khrushchov referiam-se aos campos de concentração, o labor coercitivo e semi-escravista no meio rural, a propagação do terror e do medo, grandes fomes nas regiões periféricas do país, coletivizações forçadas de terras, deportações de inimigos e dissidentes e, em especial, um culto excessivo à personalidade de Stalin.

O Movimento Comunista Internacional passou por uma enorme crise a partir das notícias do “Relatório Secreto” de Nikita Khrushchev. O Partido Comunista do Brasil, na época principal organização de orientação marxista-leninista no cenário político nacional, vinculado à União Soviética, demoraria meses para posicionar-se sobre aquelas denúncias que, longe de serem aceitas de antemão pelos militantes, seria vista não poucas vezes com estranheza. Alguns chegaram mesmo a considerá-las falsas. Contudo, ao voltarem do XX Congresso do PCUS, dirigentes do PCB confirmariam as denúncias. Seriam meses de debate acirrado não apenas sobre o acontecido na principal referência para os comunistas, mas sobre a vinculação ideológica brasileira, as estruturas partidárias, envolvendo a renovação ou não de todo o quadro da organização. (FALCÃO, 2006; FERREIRA, 2002)

“A militância abandonava o Partido com um sentimento de frustração”. Era a “mais grave crise do PCB pós-1945. Os ‘renovadores’ tomariam seus caminhos políticos por fora do Partido, enquanto a antiga Comissão Executiva amargaria o dissabor de ser superada, gradativamente, por um novo núcleo articulado a Prestes, o qual, tendo assumido diversas formulações políticas defendidas pelos ‘renovadores’, manteve, porém, a estrutura partidária e sua vinculação internacional” (FALCÃO, 2006, p. 6). O PCB adotaria, na teoria, uma perspectiva da tomada revolucionária por via pacífica, muito devido à “descoberta” dos textos do italiano Antonio Gramsci, que teria enorme influência a partir daí no Brasil. Victor Márcio

Konder estaria, contudo, entre os dissidentes do Partido. Mas ao contrário de muitos que comporiam novas organizações na esquerda brasileira na década de 1960, também de referencial marxista, não voltaria a seguir os princípios socialistas/comunistas, que, segundo o próprio, haviam perdido qualquer sentido após aqueles acontecidos.

Afeito ao pacifismo e ao diálogo, que para ele se contrapunham a um violento “totalitarismo” do pensamento comunista – avaliado como um verdadeiro cativo das liberdades individuais e coletivas –, profundamente defensor das conquistas democráticas nacionais a partir do final da década de 1970, Konder adverte, em sua autobiografia realizada no ano de 2002, os que persistem em cultivar suas ideias reforçando a fé em princípios tidos como infalíveis e evidentes. Parece, contudo, estar disposto a manter, em qualquer situação, o diálogo, motivo pelo qual atesta possuir respeito e admiração mesmo por aqueles com os quais não compartilha os mesmos preceitos. Este seria um necessário exercício de “tolerância”.

Os meus ex-companheiros são, em geral, pessoas que merecem a maior consideração e estima, por suas qualidades morais, sua inteligência, sua competência, quer na vida profissional, quer no debate das ideias. E os que, dentre eles, persistem em cultivar ideias errôneas vão ter que enfrentar, ainda, uma espinhosa trilha de sofrimentos, gerados pelas frustrações contínuas entretidas pela incapacidade de apreender a realidade e moldá-la segundo os desejos e previsões tidas como infalíveis e evidentes. (KONDER, 2002, p. 135).

Ao deixar o Partido Comunista do Brasil, em 1957, Victor Márcio teria empreendido uma crítica severa ao “santuário ideológico comunista”. Segundo o próprio, passou a enxergar um profundo abismo entre as receitas promovidas por leituras baseadas no marxismo e a realidade brasileira – as necessidades do povo, o cotidiano, a política. É possível afirmar que Konder levantava, ao final da vida, bandeiras como a redução das desigualdades sociais, o respeito à ordem democrática, a defesa da liberdade de pensamento e a tolerância à diferença, mas sob uma ótica liberal, de tal maneira que se contrapunha, enfaticamente, aos comunistas – como explicitou em vários artigos jornalísticos produzidos no final dos anos 1980, no calor dos debates acerca de uma nova Constituição. Em 1988, escreveu sobre as “vantagens da postura liberal”, no Jornal de Santa Catarina:

No Brasil, em geral, o debate doutrinário só se dá entre os grêmios que partem de uma doutrina totalizante (por exemplo, o positivismo, no passado; ou o marxismo-leninismo, nos dias de hoje) que se apresenta como sistema e que, portanto, contenha a explicação para todos os fatos mais importantes e as receitas adequadas para todas as situações. [...] Visam mais persuadir ou fortalecer convicções do que

perquirir a realidade tendo em vista encontrar respostas aceitáveis. A grande vantagem da postura liberal é que não obriga ninguém a ser dono da verdade. Ainda mais; a partir de princípios gerais comuns – as liberdades e direitos individuais da cidadania como valores fundamentais, por exemplo – é possível, e até desejável, chegar a pontos de vista divergentes. (KONDER, 1988, p. 259)

Os artigos jornalísticos publicados por Konder no Jornal de Santa Catarina são marcados por uma postura ideológica explícita, de maneira que o intelectual denominou-se um *liberal* preocupado com o desenvolvimento do país, defensor das liberdades individuais e civis e da responsabilidade social, da “ascensão de todo o povo”. Parece ponto fundamental, no entanto, em seus artigos, que nenhuma doutrina se manifeste com pretensões totalizantes. Chegar em pontos de vista divergentes, produzir debates com diferentes opiniões não só era desejável como, para o jornalista, tratava-se de um importante fator para a democracia, para o combate às “receitas” doutrinárias e aos autoritarismos. Victor Márcio Konder dizia, já na saborear a inquietude do intelectual e seu permanente questionar. Agradava-lhe, mais do que convicções, o espaço para a discordância e o diálogo, considerados instrumentos da liberdade.

À luz de suas considerações sobre os países socialistas (especialmente Alemanha Oriental, Cuba e União Soviética), Konder chegou a tomá-los como verdadeiros símbolos de atraso, à medida que a crise que os abatia no final do século XX demonstrava, para ele, a superioridade da livre iniciativa sobre a economia comandada; do regime democrático sobre as ditaduras. Para o jornalista, Fidel Castro, em Cuba, “criou um regime totalitário acabado, onde o povo, para ter emprego certo e os benefícios de alguns serviços, deve pagar um preço que para muitos é demasiado elevado” (KONDER, 1988, p. 271). Este preço, altíssimo nas considerações de um ex-comunista, constituía-se em uma de suas maiores críticas ao “socialismo real”: a perda das liberdades individuais. Parece coerente o fato de que Konder teria se oposto firmemente, também, ao regime ditatorial comandado por militares (com amplo apoio de vários setores civis) durante duas décadas no Brasil, desde 1964, tendo participado ativamente da luta pela redemocratização da sociedade. Neste período, chegou a ser perseguido pelo seu passado militante – mesmo afirmando ter cortado todas as suas relações com o Partido Comunista.

Conhecedor de seu país – em parte devido aos próprios anos de militância comunista que o permitiram realizar missões em diversas cidades –, Konder nunca deixou de fazer uma crítica leitura sobre os pensamentos marxistas, confrontando-os com outras perspectivas teóricas; com a experiência das viagens que empreendeu pelo território brasileiro; com o exercício do lecionar e a prática educacional; com a maturidade que lhe permitia adquirir

novos conhecimentos, reatualizando de forma constante sua atividade intelectual. Este conjunto de experiências, contudo, fê-lo desacreditar na validade do próprio marxismo como conjunto de teorias orientadoras de práticas ditas “revolucionárias”, frente a um “divórcio entre a pregação dos comunistas e os problemas” que eles seriam obrigados a enfrentar na prática (KONDER, 2002, p. 129).

Contudo, é possível afirmar, por meio de vestígios materiais de suas atividades intelectuais (como cadernos de suas atividades discentes e docentes<sup>7</sup>), que Victor Márcio Konder nunca deixou de fazer uma crítica leitura sobre as teorias comunistas, confrontando-as com outras perspectivas teóricas; com a experiência das viagens que empreendeu pelo território brasileiro<sup>8</sup>; com o exercício do lecionar e a prática educacional; com a maturidade que lhe permitia adquirir novos conhecimentos, reatualizando de forma constante suas interpretações do mundo e sua práxis política.

É possível inferir que, apesar de suas desavenças com os comunistas e a desconfiança em relação à maneira como alguns destes assumiam suas convicções, os 21 anos de militância ultrapassam o mero espaço temporal no qual estão inseridos: a narração autobiográfica confere-lhes o estatuto de uma formação moral e intelectual na trajetória de Victor Konder, que, seguindo uma interpretação de si mesmo, determinou-o como sujeito, o que insinua a presença de um “passado presente”. Por meio da escrita e da releitura de um conjunto de experiências dispersas pela memória, é possível, para este sujeito que narra, atribuir ao seu discurso “o haver elaborado acontecimentos passados, o poder torná-los presentes, o estar saturado de realidade, o incluir em seu próprio comportamento as possibilidades realizadas ou falhas” (KOSELLECK, 2006, p. 313).

## 1.2 UMA AUTOAVALIAÇÃO: ARREPENDIMENTO E JUSTIFICATIVA NO TRABALHO MILITANTE.

Se a mudança para o Rio de Janeiro em meio ao levante de 1930 e a subida de Getúlio Vargas ao poder têm destaque na narração destas lembranças, é devido a este conjunto de eventos estar intrinsecamente relacionado às condições que o levaram a se interessar pela

<sup>7</sup> Ver: CUNHA, Maria Teresa Santos. Na insegurança das palavras. Livros e cadernos pessoais na biografia de um professor catarinense - Século XX. Trabalho apresentado no V CIPA. PUCRS, 2012; PHILIPPI, Carolina Cechella. Um acervo, uma descoberta notas sobre a inserção na biblioteca pessoal de um revolucionário letrado - Victor Márcio Konder (1920-2005). In: XIV Encontro Estadual de História - ANPUH - SC, 2012, Florianópolis. Anais do Encontro Estadual de História, 2012. v. 1. p. 1-12.

<sup>8</sup> Ver: MARTINS, Mariane. Konder em trânsito: uma viagem pelo Brasil em seus folders e panfletos. In: XIV Encontro Estadual de História – ANPUH – SC, 2012, Florianópolis. Anais do Encontro Estadual de História, 2012, v. 1, p. 1-14.

política prática, ainda menino. A casa de Victor Konder, segundo o próprio, funcionava como uma espécie de sede do Partido Republicano Catarinense em Itajaí (SC), onde se acumulavam, em meados de 1930, materiais de propaganda da campanha presidencial polarizada por Júlio Prestes – governador de São Paulo, candidato do então presidente da República Washington Luiz – e Getúlio Vargas – ministro da Fazenda e governador do Rio Grande do Sul. Seu pai, Marcos Konder, era político e integrante da Assembleia Legislativa em Santa Catarina, e seu tio, Adolfo Konder, governador do Estado. Quando estoura a ação revolucionária que derruba Washington Luiz e põe fim a política dos governadores, estes, ligados aos poderes oligárquicos regionais, são depostos e, por decorrência, suas mulheres e seus filhos exilados, embarcando em navios em direção ao Rio de Janeiro. Para Konder, “ali, naturalmente, deu-se o processo de adaptação de um menino do interior a um novo meio” (2002, p. 21).

Esta série de fatos é decisiva na vida de um garoto que, em pouco tempo, tornar-se-á militante, já seduzido por pensamentos de esquerda e pela possibilidade de aventurar-se em meio à turbulência política na capital federal dos anos 1930. Konder considera o ingresso na atividade prática política, por meio da filiação direta ao Partido Comunista, como audacioso. Começou a militar em suas fileiras precocemente, antes mesmo de completar 16 anos, em 1936, em meio ao ambiente de medo, terror e perseguição aos “vermelhos” após as derrotas da Intentona no ano antecedente e os levantes encabeçados por forças da Aliança Nacional Libertadora. Victor Konder relata que, chegando a integrantes do Partido e na impossibilidade de militar na Juventude Comunista, inexistente na época, teria recebido uma tarefa ilegal: a distribuição de uma série de folhetos que incitavam a retomar o levante revolucionário; a continuar a luta armada por meio de ações radicais, violentas. Dentro de muito pouco tempo, a aversão política aos comunistas fomentaria a instalação do governo ditatorial do Estado Novo em 1937, um regime que atravessaria a Segunda Guerra Mundial sem consentir a existência legal de partidos políticos.

Muito bem, nós não sabíamos que aquilo ali estava absolutamente errado, mas resolvemos aceitar a tarefa, distribuindo no centro da cidade esse material. Conseguimos efetuar essa tarefa, porque planejamos com muito bom senso. Cuidamos de ver como fazer, como poderíamos proceder com relativa segurança. E aí já entrou a esperteza. E realmente conseguimos um sistema bastante engenhoso, no qual conseguimos distribuir ao longo da avenida Rio Branco todo o material, esses volantes explosivos, e saímos incólumes. E fomos embora para casa tranquilamente. Foi a primeira tarefa cumprida. Cumprida integralmente. Daí por diante eu tive uma vida de vinte

anos de militância, e posso dizer que nunca deixei de cumprir uma tarefa. (KONDER, 2002. p. 25).

Ao deparar-se com um “eu” partilhado entre temporalidades distintas e ações e reflexões consideradas contraditórias, Victor Márcio Konder tenta justificar os intuitos e as situações que o envolveram quando jovem. A isto procedem a reavaliação moral de alguns atos e uma explicação admissível para estes: Konder não compreenderia, à época, que aquelas tarefas estavam “absolutamente erradas”, à medida que confere à imaturidade e ao impulso “aventureiro” as motivações para a empreitada ilegal em meio à hostil atmosfera anticomunista no Rio de Janeiro dos anos 1930. Ao jovem militante são atribuídas execuções de “tarefas erradíssimas” às vésperas da instalação da ditadura estado-novista, as quais incitavam a revolução armada. O forte desejo de participar da militância revolucionária atestaria uma legitimidade para atuações consideradas indesejadas.

Na cuidadosa brecha autobiográfica que permite a autocrítica, um sujeito realiza um esforço para lembrar-se, à luz das circunspecções de seu presente, de um jovem cujo tempo o afastou, sem, no entanto, deixar de realizar um ajuste de contas com seus próprios atos e pensamentos, ao reconhecer, distinguir ou mesmo exorcizar suas posições e omissões; seus erros e acertos; atos de coragem ou covardia; consentimentos e rebeldias. O avanço da idade faz com que o “texto autobiográfico sirva de palco para a exteriorização das culpas, operação que se dá na tentativa de explicar-se e na esperança de encontrar a remissão perante a si mesmo, e perante os outros.” (RODRIGUES, 2005, p. 41). Assim, é possível que a imagem de um entusiasmado adolescente, político mirim, militante precoce e aventureiro, evocado pelas primeiras páginas de “Militância”, ceda lugar a de um jornalista desconfiado em relação a atitudes estranhas à liberdade de opinião, defensor das bandeiras democráticas.

Nas mais de duas décadas em que esteve ligado ao Partido Comunista, Konder desempenhou atividades jornalísticas, relacionadas, em especial, ao trabalho de imprensa e à propaganda política. Entre as décadas de 1940 e 1950, trabalhou nas equipes do jornal “Tribuna Popular”, da revista “Problemas” e do jornal “Classe Operária” – hoje conhecido pelo nome de “Voz Operária”, um dos órgãos centrais do Partido. Todos estes órgãos acabaram pertencendo a um organismo, a uma estrutura mais complexa, “integradas a uma organização maior, a um comitê de empresas.” (KONDER, 2002, p. 74). Posteriormente, Konder se tornou o secretário de organização de todo esse complexo de empresas e mantinha contatos sistemáticos com representantes da direção, inclusive com Luís Carlos Prestes. Paralelamente às atividades nesta frente, no entanto, realizava outras tarefas, dentre as quais

missões em outros estados, percorrendo pelas terras do Piauí, do Rio Grande do Norte, de São Paulo e de Pernambuco.

E essa então era a minha atividade nessa frente; porém, paralelamente, havia também as atividades como militante da célula. Além de propagandista, o sujeito tem a tarefa que todo militante tem, que era executar a linha do Partido dessa ou daquela forma. E foi aí que eu participei da campanha eleitoral de 1950. Aqui temos de falar um pouco da nossa linha de então. Nesse tempo, o Partido adotou uma linha errada, sectária. Parece que alguém, lá na União Soviética, conversou com um burocrata pouco autorizado e imaginou que aquilo era diretiva emanada da direção do Partido Comunista da União Soviética, o PC bolchevique, e naturalmente qualquer diretiva que viesse da direção do Partido Comunista tinha a marca de Stalin e, portanto, era uma coisa extraordinária, fantástica. E não havia nem condições de discutir, o negócio era entender. (KONDER, 2002, p. 90/91).

A participação na campanha presidencial de 1950 é considerada por Victor Konder como uma experiência fundamental em sua trajetória, “horrorosa pela energia gasta” (p. 92), contudo, valiosa pelo aprendizado que, por seu autodiagnóstico, foi determinante para seu afastamento do comunismo. Para o narrador, a linha adotada durante a campanha pelo Partido foi nefasta, “errada, sectária”, pois se traduziu em uma guinada radical para a esquerda, estimulando, novamente, o caminho revolucionário pelo confronto armado, pela violência, justificada por uma “luta pela libertação nacional” contra o imperialismo americano e o domínio latifundiário no país, a fim de promover uma insurreição das massas. O “Manifesto de Agosto” preconizava a formação de uma Frente Democrática de Libertação Nacional, com o intuito de “conquistar o país para torná-lo uma democracia popular” (KONDER, p. 92).

Conjuntamente, o Brasil se inseria no entrecruzamento das forças que caracterizavam a bipolarização ideológica da segunda metade do século XX, demarcado pela atuação do capital estrangeiro e pelo alinhamento político com os Estados Unidos da América. O Manifesto de Agosto, no entanto, conclamava pela luta radical contra a exploração capitalista no país e, por outro lado, pelo pacifismo e o desarmamento nuclear. Nesse sentido, “muitos militantes, no calor da hora, acreditando na posição pacifista da União Soviética, engajaram-se nas campanhas de luta pela paz e viveram o antagonismo daqueles anos da Guerra Fria” (RIBEIRO, 2008, p. 13). Se a luta pela paz duradoura entre as nações constituía o objetivo central das ações em um plano mundial, em território nacional, a luta pela libertação seguiria um programa revolucionário marcado pelo “seu retorno às origens, cuja criação fora efetivada no intuito de se fazer a revolução socialista no país. A luta armada

voltava a estar na ordem do dia” (id, p. 11). Paradoxalmente, o caminho do Manifesto adotado pelos comunistas do Brasil em 1950 encontrava-se entre o radicalismo e o pacifismo; entre o combate e a cessar-fogo (id, p. 13).

Getúlio Vargas venceu as eleições presidenciais pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) contra seu principal adversário, Eduardo Gomes, da União Democrática Brasileira (UDN). Segundo Konder, “foi uma campanha na qual a gente redistribuiu o Manifesto de Agosto. Radical, ilegal. Não era um manifesto eleitoral” (2002, p. 92). A ação dos comunistas, representados pelo “Partidão”, era denunciar, perante a população, a candidatura do Getúlio Vargas, a fim de convencê-los a insurgir contra o governo. O trabalho do militante consistia, no entanto, em “estar nas favelas, nos morros, não apenas no asfalto”. A denúncia ao “reformismo getulista” se encontrava no seio das propostas inseridas no Manifesto de Agosto: o ex-ditador, detentor de uma alta popularidade entre os trabalhadores e as classes menos favorecidas, não passaria de um político conservador, com propostas ilusórias incapazes de transformar as bases da sociedade brasileira, estancando o avanço, a superação do subdesenvolvimento e da dependência externa e o caminho para o socialismo. Denunciar o “pai dos pobres”, subvertendo sua posição frente a um eleitorado favorável a seu governo, tornava-se um arriscado desafio à medida que colocava os comunistas na posição de enfrentar o intenso sentimento das massas.

Victor Márcio Konder considerou o Manifesto de Agosto como “aventureiro”, lamentando profundamente os rumos tomados à época pela direção do Partido Comunista. O ex-militante conta que não deixou de distribuir este material, de casa em casa, de maneira bastante perigosa, pelas regiões periféricas da capital carioca, ao ponto de ser preso em uma delegacia durante estas empreitadas “declaradamente ilegais, subversivas”. Ao admitir que alguns companheiros tiveram coragem de criticar a linha do Manifesto, manifestar suas dúvidas ou desacordos em relação àqueles preceitos, a culpa por um ato do passado é exteriorizada, mais uma vez: “eu não tive essa coragem e, na verdade, sofri as consequências” (p. 92).

### 1.3 “POR QUE ME TORNEI COMUNISTA?”: APONTAMENTOS DE UMA INFÂNCIA.

As memórias de Victor Márcio Konder produzem, contudo, um trajeto retrospectivo em direção à emergência de certos fatos/ações, capazes de esclarecer e legitimar as primeiras experiências políticas – e, portanto, as ideias que chamaram sua atenção, ainda na infância. Estaria lançada uma pergunta a um passado longínquo capaz de desobstruir sua passagem e

ser evocado pelo/no presente, e responder a, talvez, um dos questionamentos mais esperados pelos leitores de sua autobiografia, “por que me tornei comunista?”.

Por que me tornei comunista? Por que as pessoas se tornam comunistas? Escolher uma vida de sacrifícios, de severa disciplina autoimposta, consciente? Qual a motivação dessas pessoas todas? [...] A motivação para se tornar revolucionário é uma questão interessante. Em aberto. Não se tem explicação simples. No meu caso, o que aconteceu? Por que escolhi a militância comunista? (KONDER, 2002, p. 28/29)

Para vários estudiosos, de variados matizes e tendências, (BOBBIO, 2003; FERREIRA, 1998) o comunismo foi a maior utopia política da história da humanidade. Etapa final do socialismo, a sociedade comunista seria imaginada como isenta de contradições, construída a partir da coletivização das riquezas, destruindo o sistema de classes e as desigualdades sociais inerentes ao capitalismo, capaz de desobstruir a garganta dos oprimidos, permitindo-lhes o grito e a tomada do poder. Abominaria, com isso, o domínio privado dos meios de produção e, por consequência, a burguesia. Uma inversão de toda a lógica milenar de exploração, dos sistemas de poder e capaz de destruir os grilhões da submissão e levar o ser humano à libertação. Estruturado como uma teoria da história já no século XIX, não apenas esperado como conclamado e profetizado, em especial pelo seu principal teórico Karl Marx, arrebatou trabalhadores, políticos, intelectuais, do Extremo Oriente ao Caribe, constituindo-se como a expressão de uma “percepção racionalizada do presente e do futuro da coletividade” (FERREIRA, 1998, p. 83).

A Revolução Russa de 1917, responsável pela vitória do primeiro projeto comunista no mundo, juntamente com a imediatamente posterior construção do socialismo soviético, teria disseminado mundo afora a ideia de que a URSS, responsável por um espantoso desenvolvimento econômico e social, seria uma região de felicidade e perfeição, uma referência fundamental para todos que desejavam abolir a pobreza e as classes sociais, tido como um paraíso de abundância, construído em princípios de justiça e planejamento científico. Frente ao colapso do capitalismo liberal no entre guerras, o crash da bolsa de Nova York e a recessão a nível mundial que se estenderia na década de 1930, em um cenário catastrófico de fome generalizada, desemprego em massa, miséria, colapsos institucionais, decorrentes do declínio da produção, a União Soviética, único país do mundo a não ser atingido pela crise, parecia demonstrar a superioridade do socialismo (id, p. 85).

Em muitos casos, imaginou-se o regime socialista como a próxima etapa de desenvolvimento das sociedades modernas. “Elaborava-se, assim, um imaginário político que

dava subsídios a uma utopia e, ao mesmo tempo, incitava a uma ação para torná-la possível” (id, p. 83). No caso do Brasil, em especial até o início dos anos 1960, o comunismo terá uma ampla recepção nos meios intelectuais e sindicais, tornando-se a ideologia majoritária nas esquerdas. Se Victor Márcio Konder, intelectual em pauta nestas análises, escreveu sobre suas experiências quando de seus trabalhos no antigo Partido Comunista do Brasil, qual o motivo este teria atribuído para o encanto sentido, quando jovem, pelas propostas comunistas? Teria a imagem de um “paraíso soviético” exercido algum fascínio no jovem Konder?

Para o ex-comunista, há uma interpretação ingênua e mecanicista do marxismo, atrelada ao senso comum, de que as pessoas se tornam revolucionárias por motivações da experiência material de suas vidas, por serem exploradas, por condições inadequadas de sustento e remuneração. “Ora, em geral, se as são pessoas passam necessidades, elas se tornam revoltadas. Revoltadas e não revolucionárias” (KONDER, 2002, p. 28). Tornar-se alguém revolucionário, para o ex-militante, não teria relações com a classe social, mas com o plano de ideias, a motivação, os sentidos para os quais alguns sujeitos dedicam suas vidas, almejando transformar as realidades, projetos mesmo da vida. “Revolucionário foi o nobre russo Vladimir Ilitch Ulianov. Esse foi revolucionário, no mais alto grau. Esse homem não passava necessidades, não era explorado nem era assalariado. Revolucionário foi Karl Marx. ‘Herr Professor’. Respetabilíssimo, portanto. Pessoa da elite. Casou-se com uma moça da mais alta elite, uma aristocrata. Revolucionário foi Frederich Engels, empresário na Inglaterra, todo mundo sabe.” (KONDER, 2002, p. 29).

Qual seria a motivação para uma “disciplina autoimposta, consciente”, uma “vida de sacrifícios” em nome das lutas do povo, pelas emancipações e liberdades, pelo combate às desigualdades sociais e ao sofrimento das pessoas? O que despertou em Victor Márcio Konder o interesse particular pelo comunismo, razões por este consideradas “em aberto”, sem explicação simples? De que maneira reverberaram nele vivências/experiências sofridas quando pequeno, no ambiente familiar, e estas se tornaram decisivas para sua militância precoce e os caminhos trilhados durante as duas décadas nas quais esteve filiado ao Partido Comunista? Victor Konder admite, primeiramente, a grande fascinação sentida por seu irmão mais velho, Valério, descrito como um homem inteligente e inovador, “pessoa formidável”.

Valério Konder teria seguido também um caminho na esquerda política. Há poucas informações sobre este personagem no relato autobiográfico, exceção feita no momento em que a narração se volta para o menino Victor para forjar a caracterização de sua simpatia pelas propostas comunistas. Sabe-se, no entanto, que Valério Konder militou posteriormente no Partido Comunista do Brasil, tendo participado, inclusive, do levante encabeçado pelas forças

da Aliança Nacional Libertadora em 1935. À época da infância de seu irmão Victor, ainda nos anos 1920, era apenas um simpatizante, “candidato a membro”. No período em que não estava ligado diretamente ao Partido, possuía, no entanto, uma íntima relação com os “comunas”, por lecionar aulas na União Trabalhista. Valério estudava filosofia nas horas vagas, motivo pelo qual teve contato com a “beleza do materialismo dialético” (p. 29), ainda que com certa desconfiança aos seus preceitos em um primeiro momento. Com isso, Konder conta ter tido um de seus primeiros contatos com o pensamento marxista.

A despeito da grande fascinação que tinha por seu irmão mais velho, no entanto, a pessoa decisiva para que este chegasse à militância, segundo suas palavras, fora sua mãe: mulher avançada para o seu tempo, instruída, conhecedora de duas línguas (francês e português) numa época na qual “a maior parte das mulheres era analfabeta” (p. 29), Maria Corina Regis Konder, a “Sinhá”, descrita como uma mulher de integridade moral e grande coragem. Tendo acesso a uma ampla literatura, esta teria adquirido ideias consideradas progressistas em seu meio, “libertárias, igualitárias”. Estas teriam sido fundamentais para que seu filho dedicasse parte de sua vida a abraçar uma causa dita revolucionária:

E, sendo eu o último filho, sofri uma influência ainda maior por parte de minha mãe. Porque não saí de casa para estudar. Meus irmãos tiveram de sair de Itajaí para fazer o ginásio em Florianópolis, e depois fazer o curso superior em São Paulo ou Rio de Janeiro. Eu não. Eu fiquei em Itajaí e, quando saí, saí junto com a mamãe. Como já relatei, em 1930. Daí prossegui os meus estudos no Rio de Janeiro, estando junto com a minha mãe até que ela faleceu. Sofri bastante influência dela. E a sua influência foi decisiva para que eu me tornasse comunista. (KONDER, 2002. p. 29)

Um fato marcante chamou a atenção de Victor Konder, também em sua infância: seu irmão Alexandre, em meados dos anos 1930, emprestou a sua mãe um livro escrito por Claudio Edmundo, filho do historiador Luis Edmundo. Um relato de uma viagem à União Soviética, país onde Edmundo trabalhou na urbanização e na construção de cidades dos planos quinquenais (p. 29), em meio à modernização proposta pelo modelo stalinista que industrializava o território soviético. O livro, intitulado “Um engenheiro brasileiro na Rússia”, trazia um quadro esquematizado da União Soviética e idealista, ressaltando, contudo, que naquelas terras longínquas, todos eram iguais, recebiam os mesmos salários. Sua mãe, assim que terminou sua leitura, passou-o para o filho Victor, julgando a situação pintada pelo autor como “justa”. Esta atitude, que positivava a possibilidade de um sistema igualitário, é tomada pela narração autobiográfica como incisiva no pensamento do menino recém-chegado no Rio

de Janeiro: “esse julgamento da mamãe bastou para mim. Foi decisivo” (p. 29). Aquele foi um dos primeiros livros lidos a sério na vida do filho de Maria Regis Konder.

#### 1.4 A NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA: SÍNTESES, SELEÇÕES E OMISSÕES.

Ao se propor a compor uma narrativa de sua vida, Konder realizou uma seleção e operou uma síntese, que envolveu necessariamente omissões, “seleção de acontecimentos a serem relatados e desequilíbrio entre os relatos – uns adquiriram maior peso, foram narrados mais longamente do que outros” (ALBERTI, 1991, p. 78). Houve, com isso, uma preocupação em tentar “tornar razoável, extrair uma lógica, ao mesmo tempo retrospectiva e prospectiva” (BOURDIEU, 1996, p. 184) de seus caminhos, instituindo uma constelação de acontecimentos, atores e espaços cuidadosamente reinseridos no presente, a fim de redimensionar situações díspares e incoerências e, com isso, compor um percurso orientado, com início e fins definidos.

Esta narrativa autobiográfica comporta, logo, a expressão/representação de uma verdade “não mais unitária, mas sem prejuízo de solidez”, passando a ser pensada em sentido plural, “como são plurais as vidas individuais, como é plural e diferenciada a memória que registra os acontecimentos da vida” (GOMES, 2004, p. 14). Por meio da ênfase no indivíduo, um ponto de vista, devidamente historicizado, pode ser tomado como um espaço privilegiado, dentre a intimidade de um sujeito e suas particulares leituras de mundo, à medida que promove a “insinuação da singularidade nas ciências humanas, que durante muito tempo não souberam o que fazer dela” (LEVILLAIN, 2003, p. 176).

A narração tem o poder de condensar, de maneira concomitante, a lembrança, o esquecimento e uma autponderação. O recuo temporal possibilita à autobiografia ser, “ao mesmo tempo, constitutiva da identidade de seu autor e do texto, que se criam, simultaneamente, através dessa modalidade de ‘produção de eu’” (GOMES, 2004, p. 16). Estaríamos diante de uma espécie de verdade vinculada à subjetividade de um indivíduo, ancorada pelo observatório de um conjunto de fatos históricos atualizados e, por efeito, reconstituídos e evocados por um “teatro de memórias”; fatos colocados não necessariamente à prova de uma evidência científica, mas alocados no contexto sociocultural e do lugar dos quais emanaram a fala do indivíduo, tramados pelas relações que este estabeleceu e estabelecia, ao momento da narração, com outros sujeitos, instituições e espaços sociais, sem refutar, conquanto, traços de sua personalidade imprimidos no relato e intenções particulares de sua narrativa. É possível, com isso, questionar de que maneira existe uma construção

inventiva de sentido, de identidade e autoapreciação, possibilitada por uma prática cultural que permite uma reelaboração de si.

Traçadas ao menos três fases de sua vida entre 1936 e 1957, Konder diferenciou-as quanto às atitudes, os comportamentos e as justificativas atribuídas a cada uma delas. É possível distinguir um jovem encantado com a possibilidade de uma nova vida no Rio de Janeiro, pintado pela narrativa autobiográfica como impulsivo e aventureiro. Surge, mais tarde, um militante, já adulto, do Partido Comunista do Brasil, fiel e obediente, como militante, ao seu trabalho e às tarefas a ele designadas. À medida do tempo, este começa a desencantar-se com a pregação teórica e o espectro ideológico comunista, demonstrando prenúncios de uma futura dissidência.

Já no término do relato autobiográfico, emerge um indivíduo apto a exercer uma profunda tolerância a questões relacionadas à política brasileira e a necessidades do povo, maduro o suficiente para romper suas relações com o comunismo, a fim de promover novos caminhos, na educação e no jornalismo, ainda que continue afeiçoado às lutas pelas transformações sociais, na possibilidade de sociedades mais igualitárias. Privilegiados na contextura de ideias que o seduziram na juventude, pensamentos e posições ideológicas, expectativas e planos, temáticas e considerações perpassam uma rememoração de si, capaz de suscitar a (re)significação de um passado presentificado e renovado pela narrativa autobiográfica.

## 2. “TEATROS DE MEMÓRIAS” EM PERCURSOS DE LEITURA: CONSTRUÇÕES DE SI EM UM ACERVO PESSOAL

O arquivamento do eu não é uma prática neutra; é muitas vezes a única ocasião de um indivíduo se fazer ver tal como ele se vê e tal como ele desejaria ser visto. Arquivar a própria vida, é simbolicamente preparar o próprio processo: reunir as peças necessárias para a própria defesa, organizá-las para refutar a representação que os outros têm de nós. Arquivar a própria vida é desafiar a ordem das coisas: a justiça dos homens assim como o trabalho do tempo. (ARTIÈRES, 1998, p. 11)

Por meio dos vestígios manuscritos de passagens por páginas desgastadas, muitas delas prestes a se rasgarem, algumas amareladas e corroídas pela ação devastadora do tempo, anunciam-se os percursos de um leitor. São livros que insinuam possíveis faces de um intelectual que, através de rastros escritos, perpetuou traços de sua trajetória, na possibilidade de constituir um acervo pessoal. Traços, eles mesmos, legitimados pelas escolhas de alguns dos títulos presentes em sua biblioteca; pelo próprio ato de guardar que simulou/desenhou imagens de um “eu”, suscetíveis a futuros espectadores de seu “teatro de memórias”. Obras outrora abertas a anotações, folheadas incansavelmente, cujas palavras sublinhadas e inúmeros comentários se afinaram a maneiras de representar e (re)interpretar o mundo através da leitura, próprias de um intelectual brasileiro, sociólogo de formação, ex-militante comunista, engajado pelas causas políticas de seu país, cultivador do sonho de uma sociedade mais igualitária e tolerante.

A assinatura do protagonista desta coleção consta em muitos de seus livros: o leitor é Victor Márcio Konder (1920-2005), conhecido pelo trabalho desempenhado nas imprensas carioca e catarinense e por ter, quando jovem, pertencido ao antigo Partido Comunista do Brasil (dos 15 aos 36 anos). Formado em Ciências Sociais pelo Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) em 1972, Konder foi professor universitário, lecionando disciplinas como Antropologia, Economia e Cultura Brasileira na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), durante a década de 1980.

Como jornalista, integrou as equipes do Diário Carioca, da revista Diretrizes, além de ter sido diretor do Jornal de Santa Catarina, onde publicou inúmeros artigos desde a década de 1970. Apesar de seu trabalho constante no jornalismo, exercido desde 1944, integrou diversas instituições ligadas à produção e à circulação do conhecimento e da arte, tais como o Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e a Academia Itajaiense de Letras. Desempenhou funções técnicas e administrativas na Presidência da República, no Ministério

da Agricultura, no Governo do Estado de Santa Catarina e na Fundação Catarinense de Cultura. Dirigiu, ainda, o Instituto Tancredo Neves e o Conselho Pedagógico da Escola de Governo e Cidadania de Santa Catarina, na década de 1980.

Atuante durante grande parte do século XX, sobretudo em sua segunda metade, Victor Márcio desempenhou a docência, a crítica jornalística e a atividade política sem deixar de preocupar-se em exercer uma práxis intelectual identificada com uma fascinação pela possibilidade do devir, pela “criação do novo usando o presente como um momento de preparação para uma mudança ou uma transformação” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2005, p. 58). Intelectuais como Konder se caracterizam por serem portadores de um projeto que anuncia uma preocupação com os problemas de seu tempo, pelos desafios impostos à rotina. Suas ações, ao não se restringirem a gabinetes ou a estritos círculos acadêmicos, seriam corroboradas por uma cuidadosa observação da sociedade, na busca de prognósticos e mesmo possíveis soluções para o futuro. O intelectual tal qual Victor Márcio Konder seria um sujeito mediador de saberes, figura central nos intercâmbios culturais e na produção de conhecimento, mas também um ator da vida pública, o qual não estaria isolado ou afastado das sociedades em que se insere, configurando-se como um defensor, em termos práticos, das questões que investiga.

Dono de um acervo de centenas de livros composto por gêneros, línguas, autores e temas diversificados<sup>9</sup>, passando por clássicos da historiografia brasileira, poesia política, romances do século XIX, sociologia marxista, biografias, economia e educação, entre outros. Chamam a atenção as 26 edições em português de livros de estudos marxistas, além de obras relacionadas ao socialismo ou temáticas correlacionadas, como estudos acerca da história russa/soviética, sem contar as que trazem assuntos próximos a estes, mas em línguas estrangeiras, tais como francês, inglês, espanhol e até mesmo alemão. Fazem parte do acervo, por exemplo, três edições diferentes do “Manifesto do Partido Comunista”, de Marx e Engels; um exemplar de “Contribuição à História das Lutas Operárias no Brasil”, de Herminio Linhares; “O pensamento marxista” de Herr Vogt; “O socialismo e a emancipação da mulher”, de Vladimir Lenin; “História da Revolução Russa”, de Tome Premier e até mesmo uma biografia de Karl Marx produzida por Auguste Cornu.

---

<sup>9</sup> Algumas das obras doadas pela família de Victor Márcio Konder à Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) foram consideradas obras raras e permanecem em um setor da Biblioteca Central. Referimo-nos aqui a estes livros. Os demais livros doados pela família de Konder estão elencados e disponíveis para consultas e aluguel na Biblioteca Universitária da UDESC/Florianópolis. Para consulta digital ao material, acessar o endereço <http://www.bu.udesc.br> e selecionar como doador Victor Márcio Konder.

| <b>Categorias</b>                 | <b>Exemplares</b> |
|-----------------------------------|-------------------|
| Biografias                        | 42                |
| Ciências                          | 2                 |
| Dicionários                       | 8                 |
| Economia                          | 31                |
| Educação                          | 4                 |
| Estudos Marxistas                 | 26                |
| Filosofia                         | 7                 |
| Geografia                         | 6                 |
| História                          | 83                |
| Literatura                        | 23                |
| Livros didáticos                  | 6                 |
| Livros em outro idioma (francês)  | 24                |
| Livros em outro idioma (espanhol) | 32                |
| Livros em outro idioma (inglês)   | 2                 |
| Livros em outro idioma (alemão)   | 1                 |
| Oratória                          | 1                 |
| Política                          | 26                |
| Sociologia                        | 43                |
| Turismo/Viagem                    | 9                 |
| Outros                            | 35                |

Fonte: Acervo de Victor Márcio Konder/Biblioteca Universitária/UDESC

O que marcaria, contudo, esta muito particular prática de “arquivar a própria vida” (ARTIÈRES, 1998) através de um acervo bibliográfico? Um processo de subjetivação acompanharia os atos do possuidor da biblioteca nos momentos em que este instalasse e mantivesse seu acervo, na medida em que se combinariam, simultaneamente, o desígnio de uma rememoração e uma ambição de perpetuar-se, frente aos possíveis contornos de si mesmo que poderiam ser decifrados por quem “desempacotasse sua biblioteca”, deparando-se com a coleção de um intelectual que, possivelmente, glorificou-se, exteriorizou suas frustrações, procurou dar sentido às suas orientações ideológicas/políticas e manteve um contato íntimo com as próprias lembranças, por meio da conservação, do constante uso e do cultivo de seus livros. Este acervo poderia, desta forma, atestar a salvaguarda de um “eu” constituído em diferentes momentos, entremeado na fissura entre um passado – determinante

nas suas aquisições e no acúmulo de objetos capazes de alimentar uma biblioteca – e um futuro – anunciado como a possibilidade de uma simbólica “eternização de si”.

As marcas de leitura presentes em muitos destes livros contribuem criticamente com algumas questões singulares ligadas a uma História das Práticas de Leitura. Elas se configuram como “um modo privilegiado de acesso a vestígios de sensibilidades, de encenação de atos rituais, de reconhecimento de sociabilidades geracionais ligadas aos livros e às suas práticas de leitura” (CUNHA, 2012, p. 19). Estudar percursos de leitura de um intelectual pressuporia mundos percorridos pela imaginação; lembranças despertadas por páginas mudas que provocaram, possivelmente, identificações, dúvidas, empatia. Estabelecidas relações entre o campo da memória do indivíduo e a presença de um “eu” capaz de ressignificar a própria trajetória na investigação das possíveis intenções do ato de guardar, estariam entremeados distintos cenários de suas ações, redes de sociabilidade, de sua formação familiar e intelectual, sensibilidades e afetividades inseridas, de alguma forma, nas intenções de guardar e marcar seus livros.

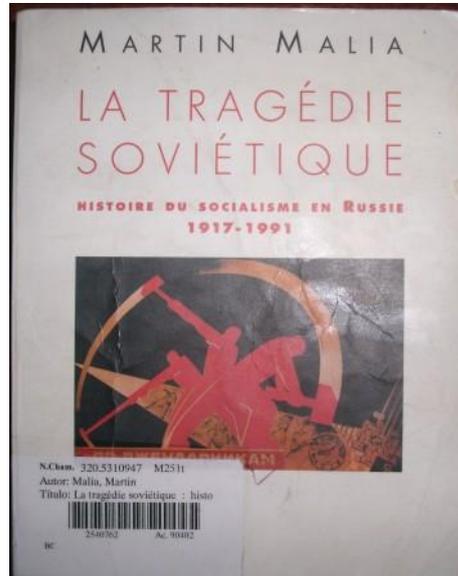
Há um livro da década de 1990 presente no acervo deste intelectual, escrito após o desmantelamento da União Soviética e presente nesta coleção, repleto de anotações, frases sublinhadas e comentários em suas margens: “Le Tragédie Soviétique”, tradução em francês para a obra “The Soviet Tragedy” do historiador norte-americano Martin Malia<sup>10</sup>, também já falecido. Neste livro, em bom estado de conservação, ainda que ligeiramente desgastado, algumas marcas de leitura ratificam o perfil de um leitor inventivo. Uma obra com que um intelectual do século XX teve íntimo contato, e, portanto, passível de investigação: é possível rastrear de que maneiras a sua presença simbólica como leitor evoca “passados pessoais e coletivos, mãos que folhearam páginas, olhos que leram linhas, gestos que marcaram espaços por meio da escrita” (CUNHA, 2012, p. 35).

As condições pautadas em uma leitura feita por um ex-comunista, próximo de sua morte, da obra de um historiador que reavalia negativamente o escopo teórico marxista e interpreta as experiências soviéticas como verdadeiras “tragédias”, levam-nos a lançar uma hipótese: teria Victor Márcio Konder registrado traços de sua trajetória a partir da leitura, evidenciados pelos pequenos textos às margens deste livro? É possível fazer aproximações entre uma espécie de “escrita de si” inscrita no livro e as discussões de Martin Malia, que, em

---

<sup>10</sup> Martin Edward Malia foi um historiador norte-americano especializado em Rússia, além de ter publicado trabalhos sobre Revoluções modernas e outros regimes comunistas. Faleceu em 2004, aos 80 anos de idade. Era professor na Universidade da Califórnia, em Berkeley.

muito se aproximam às próprias ideias de Konder neste momento de sua vida, unificadas pela censura ao comunismo e pela defesa das democracias liberais?



**Figura 2:** “Le Tragédie Soviétique – Histoire du Socialisme em Russie (1917-1991)”, obra do historiador norte-americano Martin Malia. Edição francesa de 1995, presente no acervo pessoal de Victor Márcio Konder.

## 2.1 O INDIVÍDUO NA MIRA DO HISTORIADOR: PRÁTICAS DE LEITURA, PERCURSOS DE VIDA E MARCAS AUTOBIOGRÁFICAS.

Para o historiador, as marcas de leitura inseridas nas obras de uma biblioteca pessoal constituiriam nada menos que alguns vestígios manuscritos de passagens por estas páginas: pequenos restos, aparentemente banais e cotidianos. Resquícios irremediavelmente incompletos, pertencentes ao campo do ordinário. Outrora incômodos à abordagem historiográfica por comportar subjetividades, a particularidade, os estudos do “eu” e o indivíduo permaneceram durante muito tempo rejeitados ou, no limite, interditados na historiografia. Vetava-se, para seu trato, o uso de métodos generalizantes, quantificações ou teorias gerais que atendiam às expectativas e rigores teóricos de um campo de saber no qual, até pelo menos meados do século XX, “os comportamentos coletivos tinham mais importância para o curso da história que as iniciativas individuais” (REMOND, 2003, p. 16). Predominavam, com isso, as estruturas, a longa duração, as massas, o panorama de forças sociais de grande amplitude, na esteira de uma “história global”. Estaria o indivíduo – e todo o complexo que envolve suas contradições, suas práticas e relações – diluído na narrativa,

quase que sem vida própria, apenas operado pelo coletivo. O próprio exercício biográfico era encarado com estranheza pelos historiadores.

Desde o final do século XX, entretanto, a historiografia passa por uma crise de ordem paradigmática: questiona-se, com isso, a crença em verdades unitárias, em ordens sociais monolíticas e homogeneizadoras, em certezas que se fecham e não se prestam a diversas interpretações. Este tempo de incertezas, acompanhado de reviravoltas históricas e por uma suposta falência das utopias, é marcado por um panorama no qual “novos objetos, problemas e sentidos se ensaiam, marcados por um ecletismo teórico e um grande apelo em termos de fascínio temático” (PESAVENTO, 1995, p. 10).

Uma redefinição epistemológica, acompanhada por uma renovação nas ciências humanas, que resultou, no campo da história, em “vários deslocamentos fundamentais: das estruturas para as redes, dos sistemas de posições para as situações vividas, das normas coletivas para as estratégias singulares” (CHARTIER, 1994, p. 2). Se as regularidades dos eventos, as sínteses explicadoras do social e as generalizações outrora permaneciam no centro das preocupações das reflexões e produções historiográficas, agora tomam lugar também as discontinuidades dos processos históricos, as variabilidades das práticas e dos cotidianos, o caráter heterogêneo e diverso das instituições sociais e dos sujeitos. Alargando suas fronteiras, a história se esboça como um campo de estudos pulverizado entre escolhas metodológicas, temáticas e problemas de pesquisas dos mais variados.

Victor Márcio Konder (1920-2005), dono do livro “Le Tragédie Soviétique”, mobilizou seus diferentes “eus” e o campo de suas experiências nos muitos comentários feitos às margens do livro, palavras sublinhadas e anotações inscritas em páginas outrora desnudas em espaços privados, em papéis tocados e rabiscados pela ponta da caneta. Estas marcas de leitura poderiam comportar a expressão de uma verdade, produzida no foro da intimidade do indivíduo, pautada subjetivamente. Verdade esta não mais unitária, sem necessariamente ser julgada a um rígido e formal trato científico, mas pensada em sentido plural, “como são plurais as vidas individuais, como são plurais e diferenciadas as memórias que registram os acontecimentos da vida” (GOMES, 2004, p. 14).

Com isso, desenham-se os atores que se entremeiam na constituição do social, as produções de significados constituídos por estes atores e os modos como “em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler” (CHARTIER, 1990, p. 17), tais como as possíveis inscrições autobiográficas de Victor Márcio Konder em seus livros, o que marcaria uma possível abordagem em meio à constituição plural dos territórios da História Cultural. Sensibilidades e afetividades,

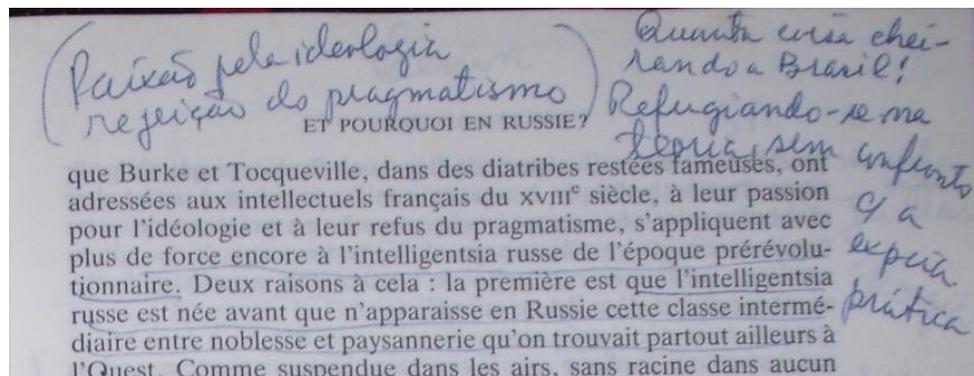
liberdades poéticas e significâncias particulares, outrora rechaçadas por lhe serem negadas o *status* de elementos legítimos para reflexão, gozam hoje de um crescente interesse por parte dos historiadores, os quais, da mesma maneira, atentam para a existência de uma multiplicidade de verdades que dão legitimidade às práticas e aos sujeitos: advoga-se, com isso, a presença do indivíduo na história, capaz de promover a singularidade no exercício historiográfico. Não um indivíduo tomado como simples ilustração/exemplo do funcionamento das instituições e dos processos históricos, ou detalhado ao ponto de permanecer descolado da sociedade de que faz/fez parte e, simultaneamente, também constitui/constituiu. Tomamos o indivíduo como móvel, plural, inventivo, colocado em perspectiva relacional, capaz de ocupar um “lugar por excelência da pintura da condição humana em sua diversidade, se não isolar o homem ou não exaltá-lo às custas de seus dessemelhantes.” (LEVILLAIN, 2003, p. 176)

## 2.2 “A TRAGÉDIA SOVIÉTICA”: A CRÍTICA AO “UTOPISMO”

Não é possível saber precisamente em qual data e lugar o livro “Le Tragédie Soviétique” foi adquirido por seu possuidor. Não há dedicatórias: apenas uma assinatura na primeira página. No entanto, é presumível que a obra tenha sido lida entre o ano de sua publicação (1995) e os dez anos posteriores a ela, quando Konder vem a falecer (2005). Esta informação sugere um ex-militante comunista nos últimos anos de sua vida dedicando-se à leitura de uma obra vinculada a uma vertente historiográfica dos anos 1990 na qual “o fim da União Soviética e a derrocada do sistema socialista do Leste europeu levaram a um triunfalismo anticomunista” em interpretações ocidentais acerca do socialismo soviético e das Revoluções Russas que marcaram o século XX. (SEGRILLO, 2010, p. 79).

A obra depositada no arquivo de Victor Márcio Konder, com autoria do historiador norte-americano Martin Malia, escrita nos primeiros anos da década de 1990, interpreta a experiência socialista soviética frente ao seu desmantelamento. Os efeitos da Perestróika, a queda do muro de Berlim e a derrocada dos Estados socialistas no Leste europeu, a partir da segunda da metade da década de 1980, contribuíram para que muitas das interpretações historiográficas acerca das Revoluções Russas e do socialismo soviético fossem guiadas por um “triunfalismo ocidental” (SEGRILLO, 2010, p. 79), que reafirmava algumas tendências já travadas em uma historiografia liberal decorrente da polarização ideológica do período da Guerra Fria.

Martin Malia, autor do livro presente no acervo de Victor Márcio Konder, é um dos nomes neste quadro de autores que escrevem, após o furacão da dissolução do bloco socialista, sobre a experiência soviética e as Revoluções Russas. Malia defendeu a tese de que as raízes de uma “aberração” da revolução bolchevique seriam derivadas de um utopismo inerente ao próprio marxismo, que teria fomentado a formação de regimes excessivamente “ideocráticos”. A tragédia soviética seria explicada, em partes, pelo desacerto em tentar impor uma ideologia sobre toda a população – muitas vezes à força, de maneira altamente repressiva – a partir de uma teoria pré-concebida, a qual toma como um destino de todas as sociedades – irrefreável, cedo ou tarde iria chegar – a instalação do socialismo. Para Konder, o “socialismo real” seria marcado por uma “paixão pela ideologia” e uma “rejeição ao pragmatismo”.



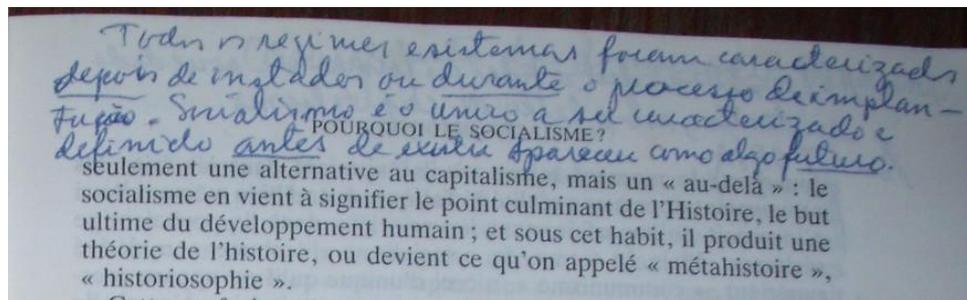
**Figura 3:** Anotação<sup>11</sup> feita por Victor Márcio Konder no segundo capítulo de “Le Tragédie Soviétique”, p. 99.

Para Malia, não existiria termo mais ambíguo e carregado de afetividade no dicionário político moderno do que a palavra “socialismo”. Konder ressaltaria, em uma evidente aproximação com o conteúdo do livro, feita em uma de suas anotações às margens, que este “utopismo cheira a Brasil”. Para o ex-comunista<sup>12</sup>, em seu país, muitos políticos e intelectuais se “refugiavam” na teoria, escapando de questões fundamentais, de ordem prática, tocantes ao desenvolvimento do país e ao bem-estar da população, tais como a melhoria das condições de trabalho; o acesso à educação livre, universal e de qualidade; a erradicação da fome; o respeito aos diversos costumes e tradições do povo; o fomento à livre iniciativa e à liberdade de associação e manifestação.

<sup>11</sup> “Paixão pela ideologia, rejeição do pragmatismo. Quanta coisa cheirando a Brasil! Refugiando-se na teoria, sem confronto com a experiência prática.”

<sup>12</sup> O segundo capítulo tratará mais detalhadamente da utopia socialista no século XX, atrelada a uma análise da atuação de Victor Márcio Konder como um intelectual.

Em uma espécie de tradução do francês improvisada de um dos trechos do livro, que demonstra afinidade à interpretação de Malia, Konder ressaltou que “o partido não representa o proletariado real, empírico, mas um proletariado metafísico”. Esta seria uma das razões fundamentais, apontadas por ele durante a maturidade, pelas quais o marxismo e as experiências socialistas constituiriam um equívoco: o idealismo excessivo, a falta de diálogo com a realidade concreta, a ausência de pragmatismo e de “confronto com a experiência prática” que conduziam, inevitavelmente, ao autoritarismo e ao aborto das liberdades e iniciativas individuais.



**Figura 4:** Anotação<sup>13</sup> feita por Victor Márcio Konder no primeiro capítulo de “Le Tragédie Soviétique”, p. 35.

Não à toa, ao tecer um comentário na margem superior de uma das páginas do primeiro capítulo do livro de Martin Malia, intitulado “Porquoi le socialisme?”, Victor Márcio Konder escreveu que “todos os regimes e sistemas foram caracterizados depois de montados ou durante o processo de implantação. O socialismo é o único a ser caracterizado e definido antes de existir. Aparece como algo futuro”. Imaginado como um estágio a ser atingido inexoravelmente, na esteira de um *telos* do desenvolvimento humano, etapa que, não somente destruindo o capitalismo, significaria o ponto máximo da história, o socialismo – e todos os esforços para a sua instalação – legitimariam, na União Soviética e em todos os movimentos que se inspiravam na ideologia comunista, as ações revolucionárias, os atos de brutalidade, o altíssimo grau de repressão, as recorrentes fomes, o suor do povo, as cabeças decapitadas em nome de uma suposta infalibilidade atribuída ao marxismo e às suas prescrições. Aceitava-se o pressuposto – errôneo, tanto para Konder quanto para Malia – de que a violência era a parteira da história.

<sup>13</sup> "Todos os regimes e sistemas foram caracterizados depois de montados ou durante o processo de implantação. Socialismo é o único a ser caracterizado e definido antes de existir. Apareceu como algo futuro."

### 2.3 O “REVERSO DA UTOPIA” E A CENSURA DE KONDER AO “SANTUÁRIO IDEOLÓGICO”.

O filósofo italiano Norberto Bobbio escreveu o conhecido texto “O reverso da utopia” em junho de 1989, inspirado pelas crises no mundo comunista e, em especial, pelos acontecimentos na Praça Celestial de Berlim, na China. Para Bobbio, as crises que se abatiam nos países comunistas seriam a demonstração do fracasso da maior utopia política da história da humanidade. Utopia esta que, analisa, teria fascinado pensadores, poetas, escritores; levado homens e mulheres a sacrificarem suas vidas, a enfrentarem sofrimentos, prisões, exílios, campos de trabalho forçado e extermínio. Bobbio faz a cuidadosa observação de que os regimes comunistas teriam impedido o aparecimento de um tipo específico de democracia, que pode ser chamada de “liberal”, caracterizada pela lenta e árdua conquista de liberdades ditas fundamentais do homem moderno: o direito de ser julgado por regras penais e jurídicas bem definidas; a liberdade de imprensa e opinião; a liberdade de reunião e de associação; e a liberdade política, assinalada pelo direito do cidadão de participar das decisões coletivas que lhe competem.

Bobbio teceu o pequeno texto em meio à repercussão dos protestos na praça da Paz Celestial, quando uma série de manifestações pacíficas em Pequim, na República Popular da China, foram duramente reprimidas pelo governo. As manifestações aconteciam a favor de reformas no regime do país: mesmo com a então lenta e gradual abertura a uma economia de mercado, a nação chinesa era assolada pela inflação, o desemprego e os níveis altos de arbitrariedade do sistema ditatorial comandado pelo Partido Comunista, no poder há quatro décadas. Os manifestantes, liderados por estudantes, clamavam por liberdade política e de expressão, pelo fim da corrupção administrativa no Estado, por melhorias em suas condições de trabalho.

O caráter pacífico das contestações contrastou-se, entretanto, com a resposta do governo: as tropas do Exército varreram violentamente a manifestação da praça da capital, resultando em milhares de atingidos, entre mortos e feridos. “O massacre, que horrorizou a opinião pública mundial, sem dúvida fez o Partido Comunista chinês perder muito da legitimidade que ainda pudesse ter entre as jovens gerações de intelectuais chineses, incluindo membros do partido, e deixou o regime chinês em liberdade para continuar com a bem-sucedida política de liberalização econômica sem problemas políticos imediatos” (HOBSBAWM, 2009, p. 471).

Norberto Bobbio escreveu seu ensaio em julho de 1989, poucos meses antes da queda do Muro de Berlim. Se a crise das esquerdas já era uma realidade desde meados da década de 1950, a partir do final década de 1980, com a reunificação alemã, o desmantelamento da União Soviética e a derrubada dos regimes do Leste Europeu, o “socialismo real” não poucas vezes será dado como morto. A Revolução de Outubro, vista outrora como o início de uma nova etapa da humanidade, era abortada. A Perestróika não havia conseguido desfazer as contradições de uma sociedade dita “socialista”, marcada pelo terror, pela prisão das liberdades, pela alienação. Desmantelada pelas sucessivas derrotas políticas, demonstração do que muitos não tardariam a alcinhar como amostra da vitória do Ocidente capitalista e da “liberdade”, a utopia comunista sofreria sua “completa reversão” em meio a uma crise generalizada de referências. Estaria decretada uma era de incertezas, na qual “envelhecem ou se apagam as alianças e acomodações estratégicas e táticas sob as quais se desenhava o mapa do mundo até 1989, quando caiu o Muro de Berlim, emblema do mundo bipolarizado” (IANNI, 2003, p. 208).

É inegável, porém, que o fracasso não é apenas dos regimes comunistas, mas da revolução inspirada pela ideologia comunista — ideologia que postulava a transformação radical de uma sociedade vista como injusta e opressora em uma sociedade bem diferente, livre e justa. O drama, que de modo sem precedente se percebe nos fatos dos últimos dias, é que não se trata da crise de um regime, nem da derrota de um grande poder invencível. Ocorre, de maneira aparentemente irreversível, que a maior utopia política da história (e não me refiro aqui às utopias religiosas) sofreu uma reversão completa, tornando-se seu perfeito oposto.

**Figura 5** – Trecho<sup>14</sup> de ensaio de Norberto Bobbio que faz parte da coletânea “Depois da queda: o fracasso do comunismo e o futuro do socialismo”, organizada por Robin Blackburn. O livro pertencia a Victor Márcio Konder.

O ensaio de Bobbio se encontra em uma coletânea que pertenceu a Victor Márcio Konder e tem o nome de “Depois da queda: o fracasso do comunismo e o futuro do socialismo”, tradução para o português de obra organizada pelo historiador britânico Robin Blackburn, ex-editor da revista “New Left Review”, de inspiração marxista. Além de artigos

<sup>14</sup> “É inegável que o fracasso não é apenas dos regimes comunistas, mas da revolução inspirada pela ideologia comunista - ideologia que postulava a transformação radical de uma sociedade vista como injusta e opressora em uma sociedade bem diferente, livre e justa. O drama, que de modo sem precedente se percebe nos fatos dos últimos dias, é que não se trata da crise de um regime, nem da derrota de um grande poder invencível. Ocorre de maneira aparentemente irreversível, que a maior utopia política da história sofreu uma reversão completa, tornando-se seu perfeito oposto” (BOBBIO, 1993, pp. 17/18).

do próprio organizador, o livro reúne ensaios de intelectuais de diversas áreas e países – tais como o também historiador britânico Eric Hobsbawm e o filósofo alemão Jürgen Habermas, trazendo discussões acerca do colapso do comunismo a partir do final dos anos 1980, a crise da utopia socialista neste *fin de siècle*, a desagregação do bloco soviético, o fim da Guerra Fria e a nova ordem mundial.

É presumível que Konder tenha adquirido a obra aproximadamente no mesmo período em que teve contato com “Le Tragédie Soviétique” de Martin Malia, visto que a edição presente em seu acervo data de 1993, ainda que a edição original tenha sido publicada em 1991. Não há, no entanto, marcas de percursos de leitura no material, exceção feita à assinatura na primeira página. Isto não impede uma possível aproximação entre as duas obras, produzidas em um mesmo contexto: no conjunto de esforços de intelectuais de todo o mundo para a compreensão e a análise da falência dos regimes socialistas e a crise da utopia política comunista. Victor Márcio Konder, ex-militante brasileiro, insere-se justamente nestes meandros. Tendo publicado vários artigos jornalísticos também em 1989, frente aos acontecimentos que dariam fim a vários regimes comunistas no Leste Europeu, indagou-se:

Quem teria ousado imaginar que a Alemanha Oriental acompanhasse tão rapidamente a abertura na Polônia e Hungria, levando de roldão o muro de Berlim, símbolo da opressão comunista? Vê-se que o sentimento de liberdade, uma vez afrouxadas as rédeas ideológicas do Partido Único, ganha impulso irresistível. (KONDER, 1989, p. 291)

A crítica de Konder ao “santuário ideológico comunista” e aos países socialistas aparece alinhada com a proposta de Malia em localizar as origens da “tragédia soviética” no próprio utopismo inerente às teorias marxistas ou, ainda, à perspectiva de Bobbio de atribuir ao fim do “socialismo real” o fracasso da maior utopia política com a qual o mundo já se deparou. A escrita constante de Konder no livro de Malia, que se traduziu em diversas anotações, vestígios das apropriações do texto lido, denotam a compreensão de um intelectual que materializou uma “digestão” da leitura destas páginas, suas aproximações e relações com elementos fora do texto, enfim, sua produção de sentidos muito particulares à obra. A força intelectual do livro, juntamente com a inventividade do leitor, foram capazes de dar vida àquelas páginas, de tal maneira que Konder, um sujeito que acompanhou a ascensão da União Soviética como potência mundial após a Segunda Guerra Mundial e o seu dismantelamento quatro décadas depois, conseguiu entrecruzá-las ao próprio campo de experiências, mobilizando, por meio da memória, um “passado atual, aquele no qual acontecimentos foram incorporados e podem ser lembrados” (KOSELLECK, 2006, p. 310).

A leitura, capaz de conduzir o sujeito-leitor a uma produção de diferentes percepções e compreensões, entendida como a capacidade de dar um “conjunto, uma globalização e uma articulação aos sentidos produzidos pelas sequências” de um texto, possibilitou a Victor Márcio Konder desbravar caminhos particulares, que se constituíram em “uma revelação pontual da polissemia do texto literário. A situação da leitura” promoveu, “em decorrência disso, a revelação de uma das virtualidades significantes do texto” (GOULEMOT, 2001, p. 108). Estaríamos imaginando um intelectual que, em momentos impossíveis de informar com exatidão, caminhou por sua biblioteca e se debruçou sobre o livro analisado. Em pauta, vestígios de seu perfil como leitor: anotações pelos cantos da obra, relações com outros textos presentes nas margens, comentários sobre a situação vivida no Brasil, escritas carregadas de indignação, traduções improvisadas, frases sublinhadas e ressaltadas como as particularmente mais significantes: um leitor transformando-se, por meio da relação com o próprio livro, em um autor...

#### 2.4 O MANIFESTO COMUNISTA E SUAS “PREVISÕES FURADAS”.

Konder analisou, em um de seus artigos publicados em meados dos anos 1980, que, “proclamando o ateísmo como verdade científica e prescrevendo uma crença obrigatória, embora sem Deus, os comunistas violam a liberdade de consciência fundamental” (1984, p. 218). A redemocratização do Brasil desde meados dos anos 1970, com ênfase na década seguinte, será marcada pelo debate e a posterior aprovação de uma nova Constituição, a eclosão de movimentos sociais de massa, debates acerca do estatuto da cidadania e pelo retorno ao pluripartidarismo. No interior deste processo, ganhará força o debate sobre a legalização do Partido Comunista do Brasil, após décadas de ilegalidade.

Num período de plenitude democrática, não se pode, em princípio, recusar a existência legal de qualquer corrente de pensamento e o seu direito a disputar preferências do público abertamente, dentro da lei. Seria um falso raciocínio dizer: mas os comunistas são marxista-leninistas, e esta doutrina prega a revolução social pela violência. Assim, desde que eles se declaram comunistas, há a presunção de que irão, fatalmente, violar as leis para subverter o regime. Ora, a lei não pode punir ninguém com base em presunção. Ainda que se imagine ser inevitável que tal grupo, por suas crenças, venha infringir as leis, não se pode penalizá-lo enquanto não praticar, concretamente, algum crime. (KONDER, 1984, pp. 218-219)

Victor Márcio Konder se posicionou, em meados de 1984, sobre a possível legalização da organização partidária dos comunistas no Brasil. Para ele, a proibição não acenava como

uma boa alternativa, pois a lei não pode punir ninguém com base em “presunções”. Parecia indiscutível a Konder que a luta contra os comunistas – e suas concepções, consideradas por ele errôneas – devia acontecer no plano das ideias, pacificamente. O pluralismo político, neste contexto, seria fundamental para a consolidação de um Brasil democrático. No entanto, por que Konder empreendeu uma crítica com tanta ênfase ao “utopismo de matriz marxista”?

Mais detestável ao sociólogo do que a abolição da liberdade de expressão seria a violência. Se a ortodoxia comunista promove a luta de classes como o motor da história da humanidade e a violência como a parteira da revolução e do próprio desenvolvimento humano, este é um dos motivos pelos quais o comunismo se configuraria como uma doutrina totalitária, pois não comportaria a existência de outras teorias ou interpretações da realidade: a revolução seria irrefreável, independentemente dos esforços individuais ou de outras forças internas ou externas. Caberia ao povo apenas preparar as melhores condições para o parto, pois a humanidade estaria grávida de seu próprio destino...

Victor Márcio Konder realizou uma esquematização de correntes e pensamentos políticos para um seminário promovido pelo Instituto Tancredo Neves, o qual chegou a dirigir. O pequeno texto, publicado postumamente<sup>15</sup>, foi feito provavelmente a partir de uma leitura do “Manifesto Comunista”, de 1848. O socialismo não seria, em sua interpretação da corrente ideológica, um produto da vontade dos revolucionários, mas uma previsão que se colocaria à prova de uma concepção racional e científica do mundo – o materialismo dialético, baseado em leis consideradas “imutáveis” que governariam o funcionamento do capitalismo e regeriam as inevitáveis transformações sociais, a serem empreendidas a partir de suas próprias contradições.

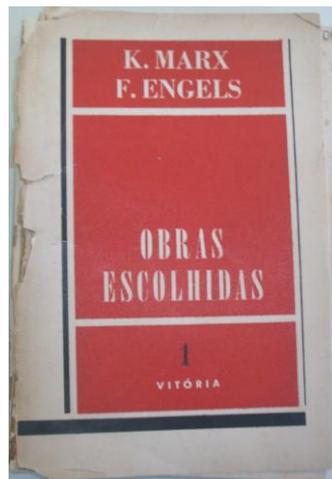
Na análise de Victor Márcio Konder sobre o socialismo, trata-se de aplicar à vida social os princípios desta dialética, através da qual as estruturas e superestruturas se transformam. No capitalismo, burguesia e proletariado entrariam em conflito para dar lugar à sociedade socialista. A primeira desapareceria, destruída pelos próprios proletários, de maneira não a criar um novo domínio de uma classe sobre outra, mas uma absolutamente nova síntese, “de nível superior, que seria o comunismo” (KONDER, 1990, p. 438).

O proletariado seria o próprio coveiro do capitalismo. Os elementos prenunciados pelo socialismo científico – associado por Konder ao marxismo – seriam a destruição inevitável do sistema capitalista por força de suas contradições internas, a inexorabilidade da revolução e a

---

<sup>15</sup> Ver: KONDER, Rosa Weingold; RIBEIRO, Túlia de Freitas (orgs.). Victor Márcio Konder: um homem de múltiplas facetas. Florianópolis: Brasília: IEA; ITN, 2006.

substituição de uma sociedade desigual e classista por uma transformação absoluta de todas as instituições e consciências, dando lugar à sociedade sem classes. Este seria, para Konder, o modelo tradicional do socialismo, dito “científico” – distinto do socialismo utópico que lhe é anterior – e caracterizado pelos filósofos alemães Karl Marx e Friedrich Engels em meados do século XIX. Qual não seria a surpresa, no entanto, se dentro de sua própria biblioteca pessoal se apresentassem cinco diferentes edições do “Manifesto do Partido Comunista”, incluindo versões em inglês, alemão e espanhol? Isso sem contar diversas outras obras de Marx e Engels, tais como “O Capital”, “O Golpe do 18 Brumário” e “A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado”. Edições recentes destas obras, bem como assinaturas em suas páginas, insinuam que a maioria delas foi adquirida mesmo após o dissídio de Konder com o Partido Comunista. Uma edição das “Obras Escolhidas” de Marx no acervo traz, entretanto, anotações às margens e palavras sublinhadas, além de comentários e grifos, o que permite uma abordagem, mais uma vez, dos percursos de leitura do intelectual.



**Figura 6:** Edição das “Obras Escolhidas” de Marx/Engels presente no acervo de Victor Márcio Konder. Contém o “Manifesto do Partido Comunista”.

O “Manifesto Comunista” permanece, provavelmente, como o texto político mais lido e difundido do mundo. Lançado em 1848, ano em que turbulências de caráter revolucionário eram deflagradas em toda a Europa, conhecidas posteriormente como Primavera dos Povos, fora atribuído aos jovens e ainda desconhecidos Karl Marx e Friedrich Engels. O Manifesto, contudo, fora escrito em nome de uma organização alemã de trabalhadores denominada Liga dos Comunistas. Os movimentos de 1848, que contestavam o absolutismo e conclamavam o republicanismo, a democracia e a justiça, já viriam com alguns ares socialistas, visto o papel central que camponeses e trabalhadores exerceriam em alguns dos países nos quais se

sucederam insurreições. A classe operária, apesar de possuir corpo suficiente para constituir-se elemento primordial na cena política, era incipiente nos países europeus, exceção feita à Inglaterra. A grande maioria dos trabalhadores constituía-se em artesãos, de maneira a ser extremamente reduzido o número daqueles que efetivamente prestavam serviços em meios fabris.

“No momento em que o Manifesto foi redigido, Marx e Engels já tinham elaborado a concepção que, mais tarde, veio a se chamar de marxismo. A doutrina já estava, em seu fundamental, elaborada em 1847. Considera-se que o marco inicial do marxismo se encontra em ‘A Ideologia Alemã’, uma obra escrita em 1845, mas não editada naquele momento” (GORENDER, 1996, p. 10). Muito em parte pela sua própria redação inspirada, pelo tom comunicativo e as mensagens altamente magnéticas que o tornaram universalmente acessível, o “Manifesto” veio a conhecer a amplitude que o coloca como um marco fundador do “socialismo científico”, ou comunismo, como o próprio Marx preferia dizer para afastar-se das diversas propostas do socialismo utópico.

Reproduzido em alemão, em francês, difundiu-se em russo pelo Leste europeu, em polonês e mesmo nos Estados Unidos, alcançando um grande número de países, seduzindo intelectuais e trabalhadores por todo o mundo. É presumível que tenha sido lido pelo próprio Victor Márcio Konder ainda em sua juventude, no rol dos livros indicados pela sua mãe. É fato importante que a primeira edição do “Manifesto” tenha sido traduzida no Brasil tardiamente, somente em 1930, ano da mudança do menino Konder para a capital federal, o Rio de Janeiro, cidade onde este iniciará sua participação nas lutas comunistas. A mãe de Victor Márcio, Maria Regis Konder, era uma mulher culta e com simpatia pelas ideias socialistas, conforme o próprio filho registrou em seu livro autobiográfico. Não é difícil imaginar que, pelo próprio ambiente familiar, o menino possivelmente tenha tido contato com o livro mesmo antes de ingressar no Partido, aos 16 anos de idade.

A primeira realização histórica do Manifesto consiste em que ele tirou a perspectiva dos trabalhadores — principalmente dos operários industriais — do terreno das utopias para o terreno da luta política concreta. O que era o movimento dos trabalhadores, naquela época, nos países mais avançados? Era um movimento dominado por seitas utópicas e conspirativas. A própria Liga dos Comunistas — organização a que Marx e Engels aderiram e da qual se tornaram sócios — era também uma organização utópica e conspirativa. O que havia de mais elaborado no pensamento socialista eram as ideias de Fourier, Cabet, Proudhon, Owen, e Saint-Simon. Todos eles projetavam uma sociedade perfeita, igualitária, com uma distribuição harmoniosa dos produtos, em que não haveria exploração, nem

miséria, e que surgiria pronta e acabada, não se sabe como (GORENDER, 1996, p. 12).

O “Manifesto Comunista” é um documento que centrou seus esforços em alçar-se sobre amanhãs, apostando no desenvolvimento da sociedade capitalista, do operariado e da grande indústria. Na mesma medida, os filósofos alemães projetaram não somente o desenvolvimento do capitalismo, como a sua morte e as suas contradições que pautariam as próprias condições de seu aborto. O tom do texto não é somente diagnosticador: é profético, assentado quase em forma de um presságio da humanidade. Nesse sentido, é possível dizer que Karl Marx e Friedrich Engels podem ser denominados por aquilo que Michel Foucault chamou de “fundadores de discursividade”.

“Esses autores têm de particular o fato de que eles não são somente os autores de suas obras, de seus livros. Eles produziram alguma coisa a mais: a possibilidade e a regra de formação de outros textos” (FOUCAULT, 2001, p. 285). Marx, por exemplo, não seria apenas autor de “O Capital” e do “Manifesto”, mas inauguraria uma teoria, uma tradição, uma disciplina que ensejaria novos livros e novos autores. Estes autores “fundadores de discursividade” se colocariam numa posição transdiscursiva, pois estabeleceriam uma possibilidade de uma gama infinita de outros discursos, pois não “tornaram apenas possível um certo número de analogias” mas também possível (e tanto quanto) um certo número de diferenças. “Abriram espaço para outra coisa diferente deles e que, no entanto, pertence ao que fundaram” (idem, p. 286).

A importância do Manifesto Comunista, portanto, ultrapassa o seu momento de escrita, a condição de seus autores e o próprio texto: configura-se como um discurso fundador, que ensejou correntes muitas vezes diversas, não poucas vezes contraditórias entre si. Para o próprio Konder, por exemplo, “diversos partidos socialistas não marxistas adotaram a denominação de socialdemocratas. A Socialdemocracia se apresenta como uma alternativa em relação tanto ao modelo liberal como ao modelo socialista tradicional. De qualquer forma, ela conserva a tradição e traços da ideologia socialista” (KONDER, 1990, p. 439). Da mesma forma, Konder observa que mesmo alguns ideólogos e políticos socialistas se consideram liberais; e alguns liberais se consideram também socialistas. Ainda que a perspectiva destas correntes políticas seja distinta das próprias concepções de Marx e Engels, elas encontram no “Manifesto” uma referência comum, simultaneamente de partida e contraponto. Esta relação com o “Manifesto” é acentuada ainda mais se tratando de Victor Márcio Konder, um sociólogo ex-comunista que realizou leituras acerca dos pressupostos de Marx até pouco tempo antes de falecer.

Konder chegou a afirmar que, como movimento e aspiração, o socialismo é bastante antigo. Desde a antiguidade, há o registro de propostas de sociedades ideais, humanitárias, distinguidas pela organização racional, sob a égide da justiça. Não poucas vezes os seres humanos se depararam imaginando com espaços perfeitos, isentos das contradições que configuram exclusões e submissões, seja por classe, gênero, etnia/raça ou outras categorias. Na história da humanidade, insistentes não apenas em demarcar a diferença entre os indivíduos, estas categorias hierarquizam as diferenças, fazendo surgir mecanismos de exploração e desigualdade. Estas informações dadas por Konder anunciam seus estudos como um professor universitário, uma vez que o próprio chegou a lecionar disciplinas relacionadas a Economia, Antropologia e Educação, na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).

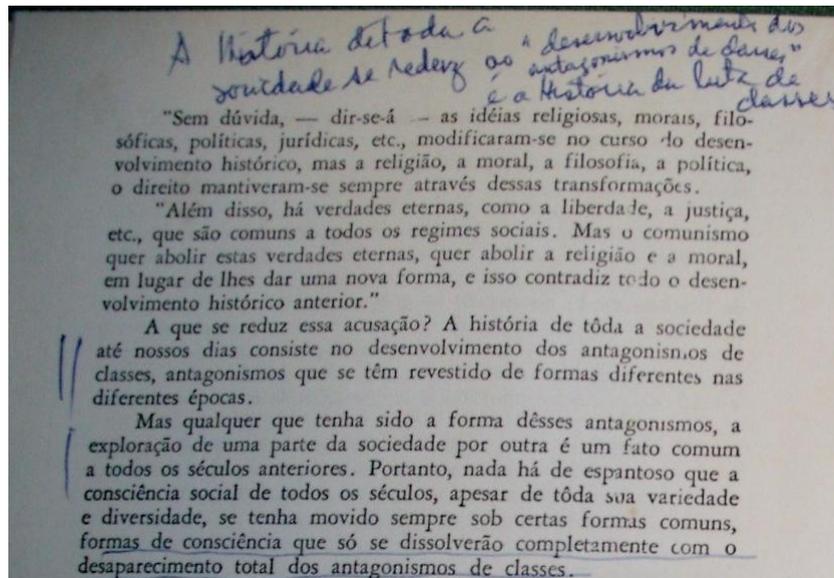
Na análise de Victor Konder, o socialismo, contudo, assume contornos nítidos somente na medida em que se expande o capitalismo moderno, na esteira do surgimento de indústrias de massa e de trabalhadores urbanos assalariados inseridos nestas fábricas - a chamada classe operária. A luta contra a miséria e a exploração do trabalho passam a ser as bandeiras do socialismo. "Os primeiros socialistas que uniam a crítica do capitalismo a projetos de uma nova sociedade são os chamados socialistas utópicos, tais como Robert Owen, na Inglaterra; e Saint-Simon e Fourier, na França" (KONDER, 1990, p. 436).

Contudo, o socialismo, assentado como uma doutrina plenamente elaborada e fundamentada em bases derivadas do estudo da economia política aplicado à sociedade capitalista industrial – ainda incipiente no século XIX, cabe afirmar – assume feições definidas com o surgimento do Manifesto Comunista, em 1848. Alçada sob a perspectiva científica, racionalista e laica da Modernidade Ocidental, ele deixa de ser uma aspiração vaga e puramente idealista, tornando-se um projeto considerado não apenas viável como inevitável.

A história de toda a sociedade não pode ser nada senão a história dos antagonismos de classe, para Marx e Engels. Esta afirmação, contudo, não se constitui em um reducionismo para estes autores: ele é a própria afirmação de um sentido, de uma direção para a própria história, que se dirige à destruição do capitalismo e ao aparecimento de sociedades sem classes, apátridas, justas e igualitárias. Toda a história não seria senão uma preparação para o teatro final, o momento da esperada derrocada: o embate revolucionário e sangrento do proletariado contra a burguesia, com a vitória daquele sobre esta. A perspectiva marxista coloca as diferenças de classes como responsáveis pela “estruturação completa da sociedade em diferentes estamentos, em uma gradação multifacetada das posições sociais” (MARX;

ENGELS, 2006, p. 16), de maneira a classificar estágios distintos da humanidade, que evoluem progressivamente até o comunismo, na esteira de um *telos*.

O “espectro que assombrava a Europa” em meados de século XIX iria bem além das manifestações que assolariam o continente em 1848: o comunismo, etapa final do socialismo, já estaria à espreita das lutas do povo. Os trabalhadores tomariam conhecimento de seu próprio futuro, prognosticado e calculado cientificamente naquele Manifesto. Por sua conhecida aversão ao comunismo após o seu dissídio partidário, proclamada em seu relato autobiográfico e ainda mais enfaticamente nos artigos jornalísticos e anotações em seus livros, Victor Márcio Konder escreveu às margens de uma de suas edições do “Manifesto Comunista” que “a história de toda a sociedade se reduz ao desenvolvimento dos antagonismos de classes”.



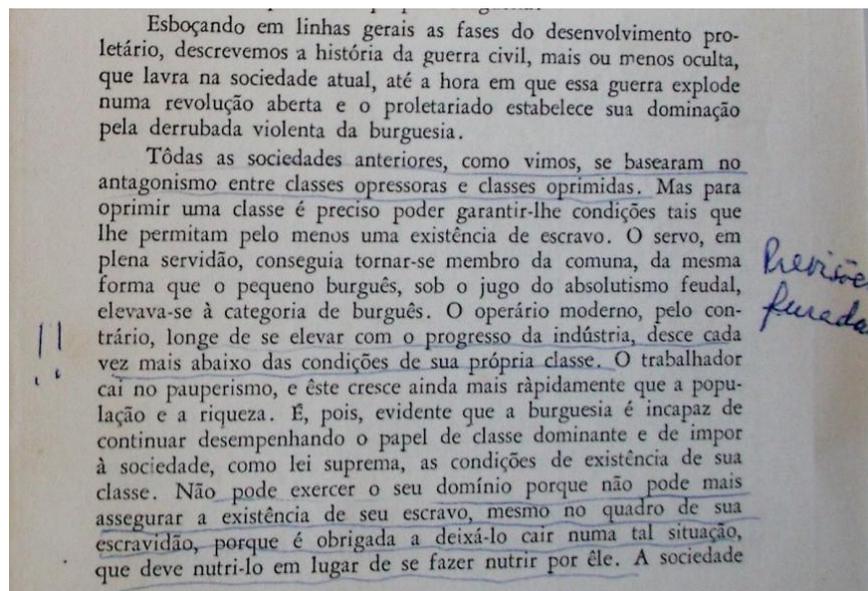
**Figura 7:** Anotação<sup>16</sup> feita por Victor Márcio Konder no “Manifesto Comunista do Brasil”<sup>17</sup>, inserido nas “Obras Escolhidas” de Marx e Engels.

Diferentemente dos próprios autores da obra, Konder considera o caráter utópico, excessivamente idealista daquelas ideias, que, para ele, pouco seriam aproximáveis da realidade, apesar de conclamarem cientificidade e exatidão. Imaginar a história como uma

<sup>16</sup> “A história de toda a sociedade se reduz ao 'desenvolvimento dos antagonismos de classes'. É a história da luta de classes”.

<sup>17</sup> “A história de toda a sociedade até nossos dias consiste no desenvolvimento dos antagonismos de classes, antagonismos que se têm revestido de formas diferentes nas diferentes épocas. Mas qualquer que tenha sido a forma desses antagonismos, a exploração de uma parte da sociedade por outra é um fato comum a todos os séculos anteriores. Portanto, nada há de espantoso que a consciência social de todos os séculos, apesar de toda a sua variedade e diversidade, se tenha movido sempre sob certas formas comuns, formas de consciência que só se dissolverão completamente com o desaparecimento total dos antagonismos de classes”.

história dos antagonismos de classe, tal como almejavam os seguidores do Manifesto, seria, também, uma perspectiva “totalitária”, sem abertura a heterodoxias, pois reduziria o desenvolvimento da sociedade ao seu caráter classista, de maneira que todos os outros elementos históricos emanariam das contradições entre os grupos sociais, os estamentos, as hierarquias. Konder configurou-se, portanto, como um revisionista das ideias socialistas, de maneira a fazer análises conceituais somente após sua militância.



**Figura 7:** Anotação<sup>18</sup> feita por Victor Márcio Konder em um trecho<sup>19</sup> “Manifesto Comunista do Brasil”, inserido nas “Obras Escolhidas” de Marx e Engels.

Se ao momento da escrita, Marx e Engels sequer imaginavam a existência de alguma sociedade que efetivamente havia tentado “aplicar” os princípios do materialismo dialético para a construção de uma sociedade sem classes, Konder, distanciado por mais de um século daqueles autores, presenciava a existência de um “socialismo real” no século XX, encarnado, de maneiras distintas, em regiões como União Soviética, China, Cuba, Coreia do Norte e Vietnã. Diferentemente do previsto, as regiões do globo onde o capitalismo industrial apenas se esboçava – e com quase inexpressivo operariado – haviam realizado suas revoluções,

<sup>18</sup> “Previsões furadas”.

<sup>19</sup> “Esboçando em linhas gerais as fases do desenvolvimento proletário, descrevemos a história da guerra civil, mais ou menos oculta, que lavra na sociedade atual, até a hora em que essa guerra explode numa revolução aberta e o proletariado estabelece sua dominação pela derrubada violenta da burguesia. Todas as sociedades anteriores, como vimos, se basearam no antagonismo entre classes opressoras e classes oprimidas. Mas para oprimir uma classe é preciso poder garantir-lhe condições que lhe permitam pelo menos uma existência de escravo. O servo, em plena servidão, conseguia tornar-se membro da comuna, da mesma forma que o pequeno burguês, sob o jugo do absolutismo feudal, elevava-se à categoria de burguês. O operário moderno, pelo contrário, longe de se elevar com o progresso da indústria, desce cada vez mais abaixo das condições de sua própria classe”.

conclamando um caráter socialista/comunista. Seria uma surpresa para Marx e Engels que sociedades predominantemente agrárias houvessem, ainda que de forma controversa, realizado esforços coletivistas, grande parte deles liderados por Partidos Comunistas.

A inventividade de Victor Márcio Konder se expressaria em uma identificação – ou uma refutação, no caso do “Manifesto Comunista” – com as obras. Sensibilidades muito próprias, atestadas por um conjunto de “escritas de si” imprimidas em várias páginas e resultantes de um diálogo constante, de seu convívio com a materialidade do suporte impresso dos livros e da penetração de seus usos, “fixando a memória, guiando as práticas” (CHARTIER, 2004, p. 227). Os diversos modos como estas páginas foram lidas por seu possuidor, os vários possíveis significados atribuídos a partir do texto, no entanto, permanecem escapando às mãos do historiador, que apenas pode estabelecer algumas relações e aproximações.

Não seria surpresa que Konder, em sua própria edição do “Manifesto Comunista”, teria escrito, sem firulas, em uma das margens do livro, que as ideias de Marx e Engels seriam “previsões furadas!”. Embora a inscrição esteja localizada em um local específico da obra, é provável uma crítica que o sociólogo faria a toda a obra, do alto de suas experiências no século XX e a maneira como teria visto, uma a uma, as previsões do Manifesto provarem-se equivocadas. À luz da lembrança das próprias experiências, afinada a uma severa crítica ao comunismo feita sob um olhar "liberal", autorizada pelo ato de apropriação do texto, Konder teria possibilitado inscrições autobiográficas nesta obra. A presença de outros tantos livros relacionados a estudos de caráter marxista e à União Soviética em seu acervo corrobora com a ideia de um indivíduo interessado pelo estudo do comunismo, considerado por ele mesmo como um modelo ideológico, de libertação, na juventude e, paradoxalmente, como um símbolo de opressão, quando mais velho.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O meu fim evidente era atar as duas pontas da vida, e restaurar na velhice a adolescência. Pois, senhor, não consegui recompor o que foi nem o que fui. Em tudo, se o rosto é igual, a fisionomia é diferente. Se só me faltassem os outros, vá, um homem consola-se mais ou menos das pessoas que perde; mas faltou eu mesmo, e esta lacuna é tudo. O que aqui está é, mal comparando, semelhante à pintura que se põe na barba e nos cabelos, e que apenas conserva o hábito externo, como se diz nas autópsias; o interno não aguenta tinta. [...] Aquela vida antiga aparece-me despida de muitos encantos que lhe achei; mas é também exato que perdeu muito espinho que a fez molesta, e, de memória, conservo alguma recordação doce e feiticeira. (ASSIS, 1999, p. 16)

O personagem de Machado de Assis não obteve êxito na tentativa de amarrar as pontas da vida. Ao menos sem dar-se conta da existência de lacunas insubstituíveis: não era mais o mesmo, portanto, ao momento de sua “exposição retrospectiva”. Uma constatação que lhe impedia de ler, com abstenção de julgar, o envolvimento com a bela Capitu. Estabeleceu relações, contudo, entre uma velhice – de onde partiam aquelas dolorosas memórias – e uma juventude – que abrigara uma ilusão, ao seu olhar rememorativo. A impossibilidade de “recompor” o jovem que um dia havia sido Bento atrelava-se a uma profunda sensação de distância com os rostos, os sentimentos, os anseios de outrora.

Se o envolvimento com Capitu insistia em permanecer na mente e nas preocupações de Dom Casmurro, certamente Victor Márcio Konder, intelectual aqui problematizado, não deixou de confrontar-se, muitas vezes, com a sua também “paixão juvenil”: o comunismo. Afinal, se o personagem machadiano teria se apaixonado por uma figura (considerada por ele) ambígua, Konder também teria deixado se seduzir pela possibilidade de um mundo igualitário, sem classes, regido sob a égide da justiça. Esta ideia se constituiria no impulso para sua militância e para a vinculação ao antigo Partido Comunista do Brasil (PCB). Vinte anos de sua vida dedicadas a uma causa revolucionária, de luta contra os imperialismos e a exploração, a favor da erradicação da pobreza no Brasil e do aniquilamento das desigualdades.

O confronto da teoria do “socialismo científico” com as experiências práticas, no entanto, teria sido catastrófico, para o próprio Victor Márcio Konder. A partir de 1956, a desagregação do movimento comunista internacional, agravada por uma crise sofrida pela própria União Soviética após a morte de Joseph Stalin, havia atingido bruscamente aqueles que imaginavam a primeira nação a realizar uma revolução socialista na história da humanidade como um paraíso, de abundância e riqueza material, inspiração para movimentos

de libertação, força do planejamento científico e racional das coletividades, capaz de suscitar “representações de uma sociedade perfeita e isenta de contradições” (FERREIRA, 1998, p. 90). Para alguns, tais como Konder, aquele momento seria irreversível. Incapaz de concretizar na prática os nobres ideais que professava, o comunismo somente lhe causaria desprezo e descrença – como não poucas vezes o sociólogo afirmou, em vida. As marcas autobiográficas do sociólogo, analisadas neste trabalho, corroboram com a ideia de que, na segunda metade de sua trajetória, Konder teria avaliado esta antiga paixão política como um verdadeiro símbolo de opressão, em especial entre as décadas de 1980 e 2000.

Areladas a esta querela, da qual Victor Márcio não se encontrava isolado, e contrariando a imagem utópica de um paraíso, denúncias de massacres e horrores cometidos na União Soviética em um passado não muito distante, responsáveis por perpetuar o sofrimento de um povo oprimido e por construir um regime autoritário. Uma sociedade profundamente contrastante, cujo regime, considerado pelo próprio Victor Márcio como totalitário, trataria de sufocar as liberdades individuais, o direito ao diálogo e à discordância.

No lugar da abundância e da justiça prometidas – e não poucas vezes profetizadas como um destino inexorável da humanidade pretensamente capaz de libertar o ser humano de toda e qualquer exploração –, “a negação do pluralismo” (REIS FILHO, 2002, p. 187), altos níveis de violência e repressão, desigualdades gritantes perfazendo um regime marcado pelo imobilismo e pela incapacidade de flexibilizar-se. Um ano depois das denúncias realizadas por Nikita Khrushchev, em 1957, Konder romperia com o comunismo, aos 36 anos de idade. Somada às decepções com o modelo referencial soviético e a atitude autoritária dos comunistas, repreendida pelo próprio, esteve uma viagem a Recife, atribuída pelo próprio como determinante para constatar um abismo entre as pregações teóricas dos marxistas-leninistas e a vida da população, assinalada por uma profunda miséria.

Konder esforçou-se para mostrar-se um homem coeso em suas escolhas ideológicas, afinado a uma perspectiva *liberal* de mundo que defende assegurar direitos e liberdades fundamentais aos cidadãos, frente à expectativa de uma “ascensão econômico-social de todo o povo” e à defesa de uma profunda tolerância – em especial no campo das ideias. Seus artigos jornalísticos e sua autobiografia, em especial, confirmam esta afirmação. É conhecida sua rejeição, na segunda metade de sua vida, ao comunismo e ao todo tipo de ditadura ou regime totalitário – ao menos reconhecidos e analisados por ele como tais. Para Konder, a diferença entre a democracia e o comunismo residiria fundamentalmente na questão da liberdade, pois a concentração da propriedade em poder do Estado – e de uma burocracia ditatorial, encarnada no Partido Único – procederia na abolição dos direitos e liberdades dos cidadãos, ao não

apresentar possibilidades de alternativas, discordâncias ou pluralismos, ao menos de forma aberta. Era justamente a ideia do funcionamento de uma sociedade com uma ideologia única, oficial, fechada, que parecia causar tanto desprezo a Konder.

É possível encontrar similitudes entre estas suas produções, seja pela característica marcante de o intelectual colocar-se ideologicamente em sua escrita – mesmo na mais corriqueira –, seja pela capacidade de mobilizar suas experiências e seus prognósticos. A escrita de Victor Márcio não se pretende neutra ou despojada de um posicionamento explícito. Desde a anotação à margem de um livro que mostra sua indignação com intelectuais brasileiros “pouco pragmáticos” até suas lembranças dos anos 1930, identifica-se uma obsessão em explicitar sua relação com ideologias políticas e, em especial, com o comunismo. Em contraposição, é curioso o fato de que o próprio Konder tenha assumido uma posição afinada com o “liberalismo” após seu dissídio com o Partido Comunista, no final da década de 1950, perspectiva política considerada, por ele próprio, como oposta ao próprio “socialismo real”, por permitir opiniões divergentes, ou um enfrentamento no plano de ideias. (KONDER, 2002).

Konder imprimiu-se na escrita em seus livros, manifestou sua experiência com o comunismo e, ao atualizá-las, expressou alguns de seus prognósticos acerca da realidade, além de uma leitura muito particular sobre suas vivências na juventude. Neste exercício de entremear-se entre o passado constitutivo de vivências e o futuro capaz de suscitar expectativas, “os prognósticos também são determinados pela necessidade de se esperar alguma coisa. Voltada para um campo de ação mais amplo ou mais estreito, a previsão libera expectativas, a que se misturam também temor ou esperança” (KOSELLECK, 2006, p. 313).

A perspectiva política manifestada por Konder, contudo, não se modificou tão radicalmente: mesmo seguindo uma visão *liberal* de mundo, pautada na livre iniciativa, na economia de mercado e pela aversão ao autoritarismo, chegou a afirmar que cabia uma responsabilidade social à sociedade, ao Estado e à economia do Brasil, que caminhavam para a democratização, no final de 1989: igualdade de oportunidades para todos, para além da igualdade formal perante a lei. Konder defendia educação básica de qualidade e universal, alimentação adequada a todos os cidadãos e uma “ascensão” do povo acima do nível de subsistência, sem anular, contudo, a iniciativa e a liberdade dos cidadãos.

Konder continuava com uma profunda preocupação com os problemas de seu tempo, opondo-se firmemente às desigualdades, de classe, gênero ou “raça”/etnia: proclamava, com isso, uma transformação a partir do presente, e um objetivo para a política modernizante que deveria ser promovida no Brasil. O fardo da escravidão, bem como o longo histórico de

descaso das políticas públicas para os setores populares, haviam promovido uma díspar hierarquia econômica e social no país. Eram necessários “princípios e diretrizes” que modificassem este quadro, sem, contudo, incorrer no risco de “resolver tudo através do Estado” (KONDER, 1989, p. 443). Como um intelectual, marcado por um projeto de transformação da realidade (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2005), continuara a ser pautado pelas noções de igualdade e de justiça. Ou assim Victor Márcio Konder quis se mostrar à sociedade, montando, selecionando e apagando as peças de si mesmo na criação de um perfil...

As marcas nos livros de Victor Márcio Konder, o relato autobiográfico produzido pelo mesmo, juntamente com seus artigos e escritos disponíveis, aqui destrinchados e analisados, foram realizados nas três últimas décadas de sua vida. Este período (décadas de 1980, 1990 e metade de 2000) é marcado pela queda dos regimes socialistas do Leste europeu e por uma crise generalizada de referências das esquerdas políticas, em especial. Não poucas vezes o marxismo será visto como um equívoco da história, dado como morto. O próprio Konder escreveu, nas margens de uma edição do Manifesto Comunista, que Marx e Engels teriam empreendido previsões “furadas” em relação à destruição do capitalismo.

Em 1989, ruía o Muro de Berlim, símbolo da bipolarização ideológica que marcava o mapa geopolítico mundial desde o final da Segunda Guerra. O sistema soviético estava com os dias contados: os efeitos da Perestróika fariam o país ser desmantelado dois anos depois, em 1991. “O presidente norte-americano George Bush colhia os frutos da ofensiva conservadora de seu antecessor, Ronald Reagan, e saudava o fim da Guerra Fria como o advento de uma *Nova Ordem Mundial* de paz, prosperidade e democracia” (RIDENTI, 2009, p. 51). Um momento visto como o triunfo do capitalismo liberal, do fim dos regimes totalitários e da aventura bolchevique, pautado pela hegemonia dos EUA. Triunfo, portanto, da “liberdade” e do mercado, do chamado neoliberalismo, com suas pretensões de dominar o mundo (id, 2009).

Encontramos, aqui, uma lacuna no pensamento de Konder. O intelectual chegou a proclamar as amplas “vantagens da postura liberal”. Contrariando o autoritarismo intrínseco aos regimes socialistas, que se colocariam em uma armadura ideológica para justificar quaisquer de seus ditatoriais atos, o liberalismo poderia embasar um “desenvolvimento com liberdade”, permitindo a liberdade de pensamento, a iniciativa dos cidadãos e uma modernização eficaz. O triunfo (neo) liberal nos anos 1990, contudo, não produziu os efeitos esperados, ao menos de modo suficiente. As sociedades mundiais, em sua grande maioria, não entraram em uma era de paz, prosperidade e harmonia.

A estabilidade do novo mundo seria garantida pela mão invisível do mercado que, no final, coloca todas as coisas em seu devido lugar. Contudo, [...] o planeta parece mergulhado em incertezas e problemas ainda maiores. [...] Em lugar da paz, seguiram-se anos de confrontos sangrentos, que sinalizaram a emergência de guerras, conflitos civis e padrões de violência de novo tipo. [...] A prosperidade prometida não ocorreu, ao menos para a esmagadora maioria das pessoas e dos países. A globalização [...] gerou um desemprego estrutural, uma recessão que perdura, o retrocesso da produção industrial na maioria dos países e a instabilidade financeira mundial, em meio à queda dos padrões de vida e à concentração de renda. [...] A década de 90 nos apresenta o maior grau de despolitização das populações em todo o século. [...] As abstenções, onde não há voto obrigatório, batem recordes históricos. [...] Contra todas as previsões, a História insiste em manter-se viva e cada vez se manifesta com maior intensidade. (VIZENTINI, 2004, p. 15).

Guerras atroz, perigosas tensões e conflitos, desigualdades sociais ainda mais alarmantes, altos índices de desemprego, explosões de atentados terroristas e graves crises econômicas que persistem em se formarem e se alastrarem permanecem. O início do século XXI parece ser uma época de profundas incertezas. Falecido em 2005, teria Victor Márcio Konder opinado sobre esta situação? Como teria encarado, por outro lado, a eleição de Luís Inácio Lula da Silva no Brasil, associado a uma perspectiva de esquerda, em meio às críticas ao descaso social de um governo antecessor taxado, precisamente, de (neo) liberal? O último registro do pensamento de Victor Márcio Konder se encontra em “Militância”, sua autobiografia realizada em 2002. Contudo, não há menções suas à situação atual do país, nem sobre as relações internacionais no novo século. Teria ele questionado a postura *liberal*, ou o modo como estava sendo conduzida, de maneiras também contraditórias? Estas perguntas apenas são esboçadas no horizonte das lacunas que, inevitavelmente, marcaram este trabalho, de caráter biográfico. É possível, contudo, imaginar, conjecturar, fazer aproximações. Toda afirmação acerca de uma vida, contudo, só encontra sentido em sua relatividade.

O historiador interessado em dedicar-se aos vestígios de uma trajetória particular, depara-se com o desafio de resistir a “imputar uma coerência artificial à vida estudada e deixar de lado os ‘desde pequeno’ e os ‘sempre’” (SCHMIDT, 2004. p. 139) que, perigosamente, homogeneizam as múltiplas, incontáveis nuances de um indivíduo. Entretanto, as fontes autobiográficas, escopo deste trabalho, “em geral só reforçam tal concepção” (id, p. 139), à medida que privilegiam a busca por uma identidade justificável manifestada pelo “pacto autobiográfico” e a arquitetura de um “eu” coeso. A análise destes componentes memorialísticos, tomados como documento sob um olhar historiográfico, concede atenção ao fato de que mesmo as categorias históricas mais aparentemente invariáveis devem ser

construídas na descontinuidade das trajetórias históricas. Estão em jogo, portanto, “as condições e os processos que, muito concretamente, determinam as operações de construção de sentido” (CHARTIER, 1990, p. 26).

Estas tensões, representativas para o historiador que complexifica suas explicações por meio da biografia, desafiam a confiança em análises generalizantes ou com pretensões de universalizar/simplificar/homogeneizar os processos históricos, as instituições sociais, as práticas. O biógrafo é capaz de trabalhar com espaços de liberdade e resistência, de criatividade e particularidade, de desvios que colocam em xeque as tentativas de estruturar de forma rígida as sociedades e os indivíduos. É consentida, com isso, a análise de diferentes durações, instâncias, escalas, dimensões, sem hierarquia entre elas. É possível colocar em pauta, de maneira simultânea, bem como relacionar, os pensamentos e suas apropriações, o funcionamento das estruturas e os seus graus de diferença, os sistemas normativos e as experiências e estratégias desviantes que efetivam uma compreensão da variabilidade e da heterogeneidade da própria cultura.

Os biógrafos têm se mostrado mais propensos a indicar os espaços de liberdade do indivíduo frente aos sistemas normativos vigentes, o que transparece na atenção dada às trajetórias de “desviantes” de todo tipo: heréticos, curandeiros, pensadores utópicos, revolucionários, feministas; aqueles que vão contra, enfim, as disciplinas e os padrões morais e sociais vigentes. Tal enfoque evidencia a tentativa de entender a história pelas margens e de responder, mesmo que tangencialmente, a uma questão existencial: qual é a nossa possibilidade de individuação, de criatividade, de intervenção no curso dos acontecimentos? (SCHMIDT, 2003, p. 68)

A análise apresentada aqui é apenas uma das possibilidades biográficas acerca da criatividade, das potencialidades de um indivíduo cujos documentos legados permitem traçar possíveis imagens de si produzidas em sua velhice nas marcas de seus livros e na esteira de seus textos publicados na mídia. A impossibilidade de uma *verdade objetiva* na análise das práticas de leitura e investimentos autobiográficos não desautoriza, contudo, que andemos por esses trilhos velhos e usados, aparentemente enferrujados, a fim de interpretar algumas cicatrizes dos imprevistos e acasos de um passado.

É possível avaliar traços autobiográficos de um indivíduo tecidos a partir da relação estabelecida entre o “vivido”, o “lembrado” em um presente que reatualizou a experiência, obras guardadas na sua biblioteca pessoal e os vestígios manuscritos de operações de leitura que conduziram, possivelmente, a uma rememoração de seus próprios caminhos. Estas páginas percorridas por um intelectual do século XX condensaram algumas das convicções de

sua trajetória na reinvenção de um personagem pretensamente coerente e justificável em suas escolhas e afinidades ideológicas, por meio dos rastros de seus percursos de leitura, frente a uma expectativa pelo “desenvolvimento com liberdade” que tanto o seduziu nestes últimos anos de vida dedicados a seu país.

Não podemos esquecer que vivemos durante séculos numa sociedade escravagista. Assim, os súditos que ascendem à condição da cidadania partem de patamares diferentes e, portanto, não gozam das mesmas oportunidades na prática. Não basta igualdade formal perante a lei, ou igualdade retórica de oportunidades. Cumpre abrir caminho para que as oportunidades se ofereçam, a todos efetivamente, o que não será possível conquistar da noite para o dia. [...] O que foi dito, porém, é suficiente para deixar claro que o liberalismo não se confunde com outras correntes que pretendem resolver tudo através do Estado, anulando a iniciativa e a liberdade dos cidadãos. Desenvolvimento com liberdade! Este pode ser um lema liberal. (KONDER, 1989, p. 443/444)

De que maneira estes livros podem insinuar a presença de um homem, já na velhice, entremeadado pelas contradições de sua trajetória intelectual, entre o peso da formação comunista que o acompanhou desde criança, e os caminhos seguidos, a partir da maturidade, por outros percursos, muitas vezes contrários aos pregados na juventude? As marcas de leitura apresentadas aqui não narrariam uma “versão de si mesmo” produzida quando, ao fim da vida, Victor Márcio Konder teria traçado um autoperfil ideológico, constituído entre a avaliação negativa de comportamentos e atitudes autoritárias, e suas expectativas muito próprias como um intelectual preocupado com o futuro do Brasil, no tocante de suas inquietações com a “ascensão econômico-social de todo o povo” (KONDER, 1988)?

As marcas autobiográficas de Victor Márcio Konder, inscritas em diferentes suportes, outorgadas à sobrevivência do tempo, realizadas em diferentes momentos até pouco antes de seu falecimento, também são marcadas por referenciar uma “paixão de juventude”, atualizada, profundamente criticada e, no limite, censurada. Não teria o comunismo, contudo, despertado desprezo em Konder, de maneira contraditória aos valores ensinados em ambiente familiar, pintados por sua mãe como “justos”, seguidos por seu irmão e responsáveis por animar os impulsos de um aventureiro jovem?

Se as estradas percorridas por Victor Márcio Konder encontraram percalços, se os seus caminhos sofreram desvios e frustrações, a elaboração autobiográfica de Victor Márcio Konder tratou de forjar uma harmonia, uma constância, uma “ilusão de linearidade e coerência do indivíduo, expressa por seu nome e por uma lógica retrospectiva de fabricação

de sua vida, confrontando-se com a fragmentação e a incompletude de suas experiências” (GOMES, 2004, p. 13). Konder atribuiu dimensões particulares a suas defesas políticas, marcadas muitas vezes pela euforia. Parece não haver dúvidas de que as imagens pintadas pelo próprio acerca da sua trajetória ou, muito prontamente, às suas motivações ideológicas em meio às turbulências do século XX, são marcadas por uma contradição entre a juventude e a maturidade, entre comunismo e liberalismo, entre uma “ilusão” e uma “porta para a liberdade”. Esta imagem, contudo, é incapaz de permanecer como uma leitura isenta de seus passados: trata-se de uma “invenção de si”, ainda que verossímil.

Desnudada dos encantos de um amor de adolescência, a imagem do passado não poderia ser constituída senão com desgosto e aflição por Dom Casmurro, aprisionado em suas impressões, pressionado pelo peso das contradições de sua própria mente. Nada teria feito um velho Bento esquecer a primeira amada de seu coração: nenhuma tinha os seus olhos de ressaca, de “cigana oblíqua e dissimulada”. Algo teria remanescido, insistente em incomodar sua velhice: o passado não havia lhe deixado em paz. Seu primeiro amigo e sua primeira amada teriam, ironicamente, se juntado, enganando-o: uma (suposta) dupla traição.

Como o personagem de Machado de Assis, Konder tentou reatar as pontas de sua vida, por meio do confronto de pensamentos e posições que marcaram seu envolvimento político e sua preocupação com o futuro do país e do mundo. A velhice e a adolescência, contudo, apresentavam, ao menos em sua descrição, fisionomias incompatíveis, paixões distintas, mesmo ideologias conflitantes. Ao final de sua vida, nem mesmo a União Soviética, outrora referência fundamental para a possibilidade de uma revolução no Brasil, continuava de pé. O comunismo, tratado outrora como um modelo de libertação, tornara-se um símbolo de opressão, um fantasma a ser expurgado do plano político por meio do debate de ideias. Não passava de porta aberta ao autoritarismo. Aqueles tempos de militância, no entanto, não poderiam ser vistos apenas como uma “ilusão”. Se mesmo Dom Casmurro conservava alguma “recordação doce e feiticeira” de seus tempos antigos, Konder não poderia deixar de lembrar-se, com entusiasmo, daqueles primeiros passos, ainda menino, que o levaram a seguir a carreira intelectual marcada por uma profunda inquietação política, frente ao caráter inusitado da vida humana.

## REFERÊNCIAS

### FONTES

BOBBIO, Norberto; BLACKBURN, Robin. **Depois da queda**: o fracasso do comunismo e o futuro do socialismo (orgs.) 3ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005. (Livro do acervo de Victor Márcio Konder)

KONDER, Victor Márcio. **Militância**. São Paulo: Arx, 2002. (Livro de memórias)

KONDER, Rosa Weingold; RIBEIRO, Túlia de Freitas (orgs.). **Victor Márcio Konder**: um homem de múltiplas facetas. Florianópolis: Brasília: IEA; ITN, 2006. (Compilação de textos)

MALIA, Martin. **Le tragédie soviétique**: histoire du socialisme en Russie. 1917-1991. Paris: Éditions du seuil, 1995. (Livro do acervo de Victor Márcio Konder)

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Obras escolhidas**. São Paulo: Alfa Omega, [s. d.], v. 1. (Livro do acervo de Victor Márcio Konder)

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, Giorgio. **La potencia del pensamiento**: ensayos y conferencias. Barcelona: ANAGRAMA, 2008.

ALBERTI, Verena. Literatura e Autobiografia: A questão do sujeito na narrativa. **Estudos Históricos** (Rio de Janeiro), Rio de Janeiro, v. 4, n.7, p. 66-81, 1991.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. De Amadores à Desapaixonados: eruditos e intelectuais como distintas figuras de sujeito do conhecimento no Ocidente. **Trajeto (UFC)**, Fortaleza/CE, v. 03, n.06, p. 43-66, 2005.

\_\_\_\_\_. **História**: a arte de inventar o passado: ensaios de teoria da história. Bauru (SP): EDUSC, 2007.

\_\_\_\_\_. Íntimas Histórias: a amizade como método de trabalho historiográfico. **Territórios e Fronteiras**, Cuiabá, v. 02, n.02, p. 09-16, 2001.

\_\_\_\_\_. Violar memórias e gestar a história: abordagem a uma problemática fecunda que torna a tarefa do historiador um parto difícil. Natal: 2006. 11p. Disponível em <<http://www.cchla.ufm.br/ppgh/durval>>. Acesso em 17 de novembro de 2012.

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. **Revista Estudos Históricos**. Dossiê Acervos Pessoais. FGV. v. 11, n. 2, 1998. p. 9-33.

ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. São Paulo: Ática: Fundação Nestle de Cultura, 1999.

AVELAR, Alexandre de Sá. Escrita biográfica, escrita da história; das possibilidades de sentido. In: Alexandre de Sá Avelar; Benito Bisso Schmidt. (Orgs.). **Grafia da vida: reflexões e experiências com a escrita biográfica**. São Paulo: Letra e Voz, 2012, p. 63-80.

\_\_\_\_\_. Subjetividades contemporâneas e escrita biográfica: limites, desafios e possibilidades. **História Oral** (Rio de Janeiro), v. 2, p. 33-51, 2010.

AVELAR, Alexandre de Sá; SCHMIDT, Benito Bisso. (Orgs.). **Grafia da vida: reflexões e experiências com a escrita biográfica**. São Paulo: Letra & Voz, 2012. v. 1.

BARROS, Rodolfo Arruda Leite de. Notas sobre o conceito de Indivíduo na Teoria Social contemporânea: um percurso a partir das obras de Stuart Hall, Norbert Elias, Richard Sennett e Zygmunt Bauman. **Aurora** (UNESP. Marília), v. VI, p. 71-78, 2010.

BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (orgs.). **Refúgios do eu: educação, história e escrita autobiográfica**. Ed. Mulheres, Florianópolis, 2000.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7. ed. São Paulo (SP): Brasiliense, 1994.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; MORAES FERREIRA, Marieta de. (orgs.). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996. p. 183-191.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense-Universitaria, 1982.

CHARTIER, Roger. A História hoje: dúvidas, desafios, propostas. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 7, n. 13, 1994, p. 97-113.

\_\_\_\_\_. **História cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.

\_\_\_\_\_. **Os desafios da escrita**. SP: UNESP, 2002.

CHAUÍ, Marilena; NOGUEIRA, Marco Aurélio. O pensamento político e a redemocratização do Brasil. *Lua Nova. Revista de Cultura e Política*, v. nº 71, p. 197-227, 2007.

COSTA, Célia Leite. Intimidade versus interesse público: a problemática dos arquivos. **Revista Estudos Históricos**. Dossiê Acervos Pessoais. FGV, v. 11, n. 21, 1998. p. 189-199.

CUNHA, Maria Teresa Santos. Nas Margens do Instituído: Memória e Educação. **História da Educação** (UFPel), Porto Alegre, v. 3, n.5, p. 39-46, 1999.

\_\_\_\_\_. Rastros de leituras: um estudo no acervo de livros do Museu da Escola Catarinense (Décadas de 20 a 60 do Século XX). **Revista Educação** (PUCRS. Online), v. 35, p. 18-35, 2012.

CUNHA, Maria Teresa Santos; PHILIPPI, Carolina Cechella. Uma Biblioteca sem Ordem: Figurações em torno de um acervo de livros de um intelectual do século XX. In: Antonio Luiz Macedo e Silva Filho e Francisco Régis Lopes Ramos. (Orgs.). **Cultura e Memória**. Os usos do passado na escrita da História. 1ª ed. Fortaleza: Ed. Núcleo de Documentação Cultural/UFC e Instituto Frei Tito de Alencar, 2011, v. 8, p. 304-317.

DARNTON, Robert. **A questão dos livros**. Passado, presente e futuro. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DOSSE, François. **Desafio Biográfico**. Escrever uma Vida. SP: EDUSP, 2009.

FALCÃO, Frederico José. O Relatório Secreto de Krushev e o Partido Comunista do Brasil (PCB): desestalinização e crise. In: **XII Encontro Regional de História ANPUH, 2006, Niterói**. Usos do Passado ANPUH- Resumos e Programação. Niterói: UFF, 2006.

FERREIRA, Jorge Luiz; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **O Brasil republicano: o tempo da experiência democrática - da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FERREIRA, Jorge Luiz. História e biografia: as escolhas de João Goulart. **Cadernos Arquivo Edgard Leuenroth** (UNICAMP), v. 17, p. 267-291, 2010.

\_\_\_\_\_. **Prisioneiros do mito**. Cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil (1930-1956). 1ª ed. Rio de Janeiro/Niterói: Mauad/Eduff, 2002.

\_\_\_\_\_. URSS: mito, utopia e história. **Tempo** (Revista do Departamento de História da UFF). Rio de Janeiro, v. 3, n.5, p. 75-103, 1998.

FOUCAULT, Michel. O que é um autor? In: **Ditos e Escritos: Estética – literatura e pintura, música e cinema** (vol. III). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. p. 264-298.

GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si, escrita da história, a título de prólogo. In: \_\_\_\_\_. (org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

GOULEMOT, Jean Marie. Da leitura como produção de sentidos. In: CHARTIER, Roger (org.). **Práticas de leitura**. 2ª. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001. p.107-116.

GORENDER, Jacob. O Manifesto do Partido Comunista: um documento datado e não datado. In: PUCviva, São Paulo, v. 216, p. 9-19, 1998.

HALL, Stuart. **A identidade Cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro, Dp&a Editora, 2005.

HOBSBAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX. 1914-1991**. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

JOFFILY, Mariana; SCHLATTER, Sergio Luis. Entrevista com o professor doutor Daniel Aarão Reis. **Tempo e Argumento**, v. 3, p. 239-255, 2011.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. RJ: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

LEVILLAIN, Philippe. Os protagonistas: da biografia. In: RÉMOD, René (org.). **Por uma história política**. 2 ed. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2003

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 1996.

MAIDANIK, Kiva. Depois de Outubro, e agora? Ou as três mortes da Revolução Russa. **Tempo - Revista do Departamento de História da UFF**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 5, p. 9-43, 1998.

MARTINS, Mariane. Konder em trânsito: uma viagem pelo Brasil em seus folders e panfletos. In: XIV Encontro Estadual de História – ANPUH – SC, 2012, Florianópolis. **Anais do Encontro Estadual de História**, 2012, v. 1, p. 1-14.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. 10ª ed. São Paulo: Global, 2006.

\_\_\_\_\_. **A ideologia alemã**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. Do teatro da memória ao Laboratório de História: a exposição museológica e o conhecimento histórico. **Anais do Museu Paulista**. SP. N. Ser v. 2, p. 9-42, 1994.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cultura e representações: uma trajetória. **Anos 90 (UFRGS)**, v. 13, p. 66-80, 2006.

\_\_\_\_\_. Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário. **Cuadernos Del Sur História**, Bahia Blanca, v. 28, p. 235-255, 1999.

PHILIPPI, Carolina Cechella. Um acervo, uma descoberta: notas sobre a inserção na biblioteca pessoal de um revolucionário letrado – Victor Márcio Konder (1920-2005). In: XIV Encontro Estadual de História – ANPUH/SC, 2012, Florianópolis. **Anais do Encontro Estadual de História**, 2012. v. 1. p. 1-12.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

REIS, José Carlos. O tempo como "representação intelectual". **Fênix** (UFU. Online), v. 2, p. 2-21, 2011.

REIS FILHO, Daniel Aarão; ROLLAND, Denis (orgs.). **Modernidades Alternativas**. Editora FGV: Rio de Janeiro, 2008.

REIS FILHO, Daniel Aarão. **As Revoluções russas e o socialismo soviético**. São Paulo: Ed. da UNESP, 2003.

\_\_\_\_\_. Compreender o passado para pensar o futuro: experiências e perspectivas do socialismo nos séculos XX e XXI. In: Aarão Reis, Daniel; Rolland, Denis. (Orgs.). **Modernidades Alternativas**. 1ed. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2008, v. 1, p. 307-335.

\_\_\_\_\_. Crise e desagregação do socialismo. In: Daniel Aarão Reis Filho; Jorge Ferreira; Celeste Zenha. (Orgs.). **História do Século XX**, volume 3. 1ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, v. 3, p. 161-183.

\_\_\_\_\_. O declínio das utopias socialistas. In: Simpósio Nacional da ANPUH, 1996. **História & Utopias**, ANPUH/SP, 1996. São Paulo, 1996. p. 73-86.

RÉMOD, René (org.). **Por uma história política**. 2 ed. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2003

REIS, José Carlos. O tempo como "representação intelectual". **Fênix** (UFU. Online), v. 2, p. 2-21, 2011.

RIDENTI, Marcelo. Vinte anos após a queda do muro: a reencarnação do desenvolvimentismo no Brasil. **Revista USP**, São Paulo, n.84, dezembro/fevereiro, 2009/2010, p.50-57. *Revista USP*, v. 84, p. 50-57, 2010.

RIBEIRO, Jayme Lúcio Fernandes. O dilema do PCB: pacifismo ou radicalidade na linha política do Manifesto de Agosto (1950-1958). In: **Diálogos e Aproximações**, 2008, Rio de Janeiro. *Anais do Seminário Diálogos e Aproximações*, 2008.

ROTHBARTH, Marlene Dalva da Silva. Família Marcos Konder Sênior. In: **Famílias de Itajaí**: mais de um século de história. Itajaí: Odorizzi, 2001.

RÜSEN. Jörn. Como dar sentido ao passado: questões relevantes de meta-história. **História da Historiografia**, n. 2, p. 163-209, 2009.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SCHMIDT, Benito Bisso. Biografia e regimes de historicidade. *Métis* (UCS), Caxias do Sul, v. 2, n.3, p. 57-72, 2003.

\_\_\_\_\_. Grafia da vida: reflexões sobre a narrativa biográfica. **História Unisinos**, São Leopoldo, v. 8, n. 10, p.131-142, 2004.

\_\_\_\_\_. Na sociedade futura: uma visão utópica da cidade/sociedade socialista (Rio Grande, 1897-1898). **História Social** (Campinas), Campinas, v. 6, p. 115-134, 1999.

SEGRILLO, Angelo. Historiografia da Revolução Russa: antigas e novas abordagens. **Projeto História**. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História do Departamento de História/PUC-SP. São Paulo: 2010 (Online).

SOUZA, Celina. Regras e Contexto: As Reformas da Constituição de 1988. **Dados** (Rio de Janeiro), v. 51, p. 791-823, 2008.

TEIXEIRA, Elizângela Rodrigues. O poeta Murilo Mendes na revelação autobiográfica de "A idade do serrote". 2005. 122p. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Letras - Mestrado em História da Literatura. **Universidade Federal do Rio Grande**. Rio Grande, agosto de 2005. (Online)

VITAL JUNIOR, Raul Rebello. A consolidação do PCB no cenário nacional: gravitando entre os particularismos internos e o alinhamento com a internacional comunista. **Ciências e Letras** (Porto Alegre), Porto Alegre, v. 37, p. 3-472, 2005.

VIZENTINI, Paulo Gilberto Fagundes. A vida após a morte: breve história mundial do presente pós-"fim da história". **Tempo** (Rio de Janeiro), número 16, 2004. p. 35-57.